



INCRAN DESCÊN CIAS



ORGANIZAÇÃO:
GUSTAVO BECKHAUSER
ANDREA MARTINS
EMERSON DANTAS E PIMENTA
TIDA CARVALHO



Incandescências

Organização

Gustavo Beckhauser

Andrea Martins

Emerson Dantas e Pimenta

Tida Carvalho

Incandescências

Montes Claros Literária: Novos Talentos, Nossa Escrita



Letras e Versos

Rua Vaz de Toledo, 536 - Engenho Novo - Rio de Janeiro-RJ

CEP: 20780-150 - Tel: 21 2218-6026

PROJETO GRÁFICO - DIAGRAMAÇÃO
Maria Luz

CAPA
Gabriella Neildo

REVISÃO
Alice Silveira da Silva

ORGANIZAÇÃO
Gustavo Beckhauser e Andrea Martins

COORDENAÇÃO
Gustavo Beckhauser e Kaio Moreira Veloso

Direito Autoral registrado na Câmara Brasileira do Livro – DA-2026-108554 -- 10.01.2026

Hash da Transação:

0x8edc256b0d52f4d6eb1fbe4bba59dcffa570958969b64df2eaeac31514aab82f

Hash do Documento:

c25d1d6e4b40bd67dd61978256b49cf07485010766c68fff262cdad31b444382

Este livro foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente.

CATALOGAÇÃO NA FONTE - PCAC

134

Incandescências : antologia literária / organização de Gustavo Beckhauser, Andrea Martins, Emerson Dantas e Pimenta, Tida Carvalho. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2026.

Resultado do projeto Montes Claros Literária: Novos Talentos, Nossa Escrita, desenvolvido a partir de oficinas de escrita criativa com incentivo da Lei Paulo Gustavo.

Reúne contos, crônicas e poemas produzidos coletivamente.

168 p. ; 23 cm

ISBN – 978-65-5909-702-9

1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. 4. Poesia brasileira. 5. Escrita criativa – Oficinas. 6. Antologias. I. Beckhauser, Gustavo, 1999-. II. Martins, Andrea, 1966-. III. Veloso, Kaio Moreira, 1999-.

7650 09012026

CDD – B869

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização do autor.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
POEMAS	
Isso não é um sonho	15
Olhos de ressaca	17
Jardim do Éden	19
Caliban	20
Café das Três	21
Tácita Poesia	22
Humanidade	23
O Sujeito	24
Flamel	26
Carnal	28
Solidão	29
Um eco dos morrinhos	31
Para além mar...	33
Prece	34
Suspiro Noturno	35
Ícaro	36
Umidade	37
O sal de minhas panelas	38
Fogo fátuo	39
Brasa	40
Ventania	41
Terra	42
Corrente	43
Fogo	44

Água de dentro e fora	45
Oxigênio	46
Queria ser fênix	47
Chão	48
Ato I	49
Ato II	50
Em chamas	51
Reflexão	52
Fogo-fátuo	53
Água	54
Ar	55
Tempo	56
Fogo	57
Composto Vivo	58
O que encontrei?	59
Longe, minha mente não pergunta onde	61
Estático	63
Depois que eu morri	64
Oficina de Escrita	65
Lá fora flores	66

CRÔNICAS

Condomínio	69
Museu de Arte Contemporânea	72
Semáforo	74
O Terminal	76
Brincar de pipa	78
O pombo	79
Espera	82
Cadeira Laranja	84

Poeta de corpo e alma	85
Menina Superpoderosa	86
O Grilo	89
Revolução com Vaga na Garagem	91
E se	95
Velheza	99
O tamanco de madeira	102
Arquivo Morto	104

CONTOS

Entre Deus e o Diabo	109
À beira do futuro	112
O Divórcio Adiado	118
Maria das Dores	120
Desengavetar	122
Prateleiras da dor	124
Um silêncio para Zeca	127
Sortilégio	132
Confiança	135
Fúria em Alcantil	136
Sinfonia de ruídos	145
O enterro do João – Parte I	147
O enterro do João – Parte II	151
Universidade Vazia	153
O oco	156

AUTORES	160
----------------	-----

APRESENTAÇÃO

Os textos publicados nesta antologia são o resultado do encontro entre um sonho e uma oportunidade. Há quem chame isso de acaso, mas eu diria que é mais uma história digna de ser contada, como tantas outras; como essas que vocês lerão nas páginas deste livro, ao lado de poemas, que também são histórias sentidas.

Como professora de literaturas, além de ler e conversar sobre textos literários diversos, gosto de provocar meus alunos a expressar seus sentimentos e ideias por meio da escrita, seja em prosa, em poema, ou em prosa poética. Foi durante uma aula em que meus alunos liam seus textos autorais, que eu notei a presença de um rosto diferente, um estudante ausente em aulas anteriores. Perguntei-lhe se ele era recém-matriculado e ele me disse que estava ali de curioso, que era, na verdade, aluno do curso de História, mas que gostava muito de literatura.

Eu estava saindo para o intervalo da aula, quando ele começou a me contar do seu desejo de criar um projeto de escrita literária permanente, em que as pessoas interessadas pudessem compartilhar seus escritos, a fim de aprimorá-los. Como o tempo do nosso intervalo é pequeno, desisti da intenção de tomar água e café para ouvi-lo. A ideia me conquistou de imediato, porque eu sempre acreditei na escrita reescrita, enxugada, lapidada, o que só se consegue com paciência, senso crítico e, principalmente, com desapego para jogar fora os excessos. Como o *Catar feijão*, de João Cabral de Mello Neto.

À época eu acumulava a função de Coordenadora do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Unimontes (PPGL), e foi na sede desse Programa que Gustavo (o nome do estudante de História que sonhou aquele sonho) e eu nos reunimos algumas vezes para conversar e escrever

o projeto idealizado por ele, aos quais eu agreguei algumas sugestões, a fim de aprimorá-lo. Durante esse processo, foi publicado o Edital Municipal daquela que passou a ser chamada popularmente de Lei Paulo Gustavo. Acostumada a ver muitas boas ideias serem abandonadas por falta de recursos financeiros, não tive dúvidas: era a nossa oportunidade de fazer um final diferente. Enviei o edital ao Gustavo e o desafiei a apresentarmos uma proposta, com o objetivo de implantar o projeto piloto da oficina e, como bônus, garantir recursos para a publicação dos textos resultado dessa experiência. A proposta foi aprovada com o nome de *Montes Claros Literária: Novos Talentos, Nossa Escrita*.

E aqui estamos! Neste livro estão alguns dos textos resultados da colheita de palavras desse primeiro plantio.

Este breve relato é apenas para apresentar as prosas e poemas que de fato importam, produções dos primeiros alunos a sonharem conosco esse sonho de fazer da escrita um exercício permanente, uma prática que, embora seja eminentemente solitária, possa, por vezes, ser compartilhada para ser enriquecida. E como somos todos aprendizes nessa tarefa de lapidar as palavras, nós, coordenadores e professores deste projeto, tomamos a liberdade de dividir o espaço desse livro com alguns textos de nossa autoria: Tida Carvalho (professora da oficina de poemas), Emerson Dantas (professor da oficina de contos) e eu; além, é claro, do idealizador e administrador do projeto, Gustavo Beckhauser.

De minha parte, posso dizer que a experiência de conduzir jovens escritores pela escrita de crônicas foi uma das melhores crônicas que vivi. De novo prestar atenção em coisa simples para traduzir em palavras, como o canto estridente de um passarinho, na entrada do prédio em que ocorreram nossos encontros; ouvir os relatos dos alunos escritores sobre suas mais diversas experiências, em ruas, rodoviária, outras cidades, outros tempos e lugares... Tudo isso me alimentou a alma e a imaginação. Sou grata por tudo que aprendi com os escritores-aprendizes-professores.

Para o escritor e professor Emerson Dantas: “Participar dessa oficina criativa foi ver a literatura brotar e respirar em um terreno incomum. Foi compartilhar e aprender muito com escritores de diversas idades, gêneros e estilos. Foi gratificante e realizador. Um prazer inenarrável.” E a poeta-professora Tida Carvalho, sobre sua experiência, diz: “Porque amamos os poemas que, no fundo, são um grande ‘Lembra?’, são um grande ‘Imagine’, são um grande ‘Esqueci’. Foi assim nossa oficina de poesia “Montes Claros Literária”, entre esvaziar e preencher lacunas...”

Andrea Martins

*(Coordenadora pedagógica do projeto
e professora da oficina de crônicas)*

Montes Claros, novembro de 2025.

POEMAS

Isso não é um sonho

Tida Carvalho

E no entanto no entanto
O drama precipitado
Palestina em chamas há tanto
E quem reconhece o drama
Quando se precipita?
Quando regurgitado?
Situação limite, poesia no limite
Artefato silenciado
Por armas de destruição
Os átomos dançam, madrugam
Em estilhaços, vermelhos
Rios de sangue
Com cheiro de crianças
Bolhas vertigem violência
O espírito em leilão
Ainda dá para saber de cor o poema?
Saber de cor antes da cicuta cotidiana?
Cianureto em gotas letais
Aprender um pouco mais
Do só sei que nada sei
A morte alcançada

Em cada momento
De vida besta
Vida nômade sedentária em guerra
Aliás, choveu! Aliás, não choveu!
Chovem Irochimas sobre Palestinas
E no entanto no entanto
Quando o diapasão da paz?
Quando o diapasão da vida
Menos morta?

Olhos de ressaca

Tida Carvalho

Seus olhos
Entrefechando-se
Escutam a névoa
Branca
O fundo de névoa
Corrói contornos
Em núcleos corpóreos
Novos e fugazes
Branços
Devoram-nos
Sonhos expectantes
Branços
Enevoados
Deixam escoar
Presentes passados futuros
Letargia de sonhos
Adiados anulados
Sombras
Solidão
Espera inútil
Luz e sombra

Distendem

Tempo e espaço

Seus olhos

Entrefechando-se

Em outros lampejos e névoas

Jardim do Éden

Gustavo Beckhauser

De viés, vejo suas folhas caírem.
As vejo de soslaio enquanto riem.
Ali, deitado, me percebo em paz
E estranhamente me sinto capaz.
Capaz de me admirar com a vida outra vez
E de sair dessa louca embriaguez
De me preocupar com o que não importa.
Dentro de mim, vejo se abrir uma porta,
Eu entro.
E agora eu me contemplo.
De solilóquio, me descubro, me desvendo e reinvento
E percebo a tamanha cortesia
Dessa árvore que transforma, para mim,
Um simples vento em poesia.

Caliban

Gustavo Beckhauser

Sou formado de várias mortes
Em mim, possuo vários remendos
De sonhos largados à própria sorte
E de esperanças despejadas ao relento

Sou formado do que me foge os dedos
De luzes que me cegaram a alma
Das noites que fui dormir bêbado
E de quando furtei a própria calma

Sou formado de estradas escuras
Noites frias, com a lua torta
De folhas repletas de rasuras
E de um buquê de flores mortas.

Café das Três

Gustavo Beckhauser

Nesta tarde, tomei um café que tinha um gosto amargo,
Lembrando de coisas antigas, velhos nós atados.

Nesta tarde, tomei um café que tinha um gosto amargo,
Naquele copo, eu via o fim do dia em um recado.

Nesta tarde, tomei um café que tinha um gosto amargo,
Pensando na falta que faz aquele velho abraço.

Nesta tarde, tomei um café que tinha um gosto amargo,
E cada gole de realidade me descia engasgado.

Nesta tarde, tomei um café que sempre havia tomado,
E assim, meio sem fé, vou me tornando amargurado.

Tácita Poesia

Gustavo Beckhauser

Gosto das coisas implícitas
De abraçar sorrisos gentis
De observar belezas escondidas
E de ouvir tudo aquilo que não se diz

Gosto do seu cabelo bagunçado
Na sua mão ter meus dedos trançados
Gosto da sutileza dos olhares tristes
Dos suspiros lentos das pessoas que existem

Gosto de filosofar o instante
Enquanto poetizo o passado
Gosto de sonhar meu futuro distante
E quando dormir, de acordar do seu lado

Gosto então de ser eu mesmo
Contemplar seu rosto e sentir seu beijo
Gosto enfim dos instantes eternos
De rir da vida e de seus tolos mistérios

Humanidade

Gustavo Beckhauser

No meu peito pulsa um coração humano.
Humano no meu peito, pulsa um coração.
Um coração humano, pulsa em meu peito
Pulsa, no meu peito humano, um coração.

Mesmo depois de tanta solidão
Pulsa, no meu peito humano, um coração.
Mesmo que a escuridão tenha em mim um leito,
Um coração humano, pulsa em meu peito.

Mesmo que não me enxergue no meio da multidão,
Humano no meu peito, pulsa um coração.

Mesmo minha maldade causando tanto dano,
No meu peito pulsa um coração humano.

O Sujeito

Isaac Veloso

No sujeito falta tudo, é escasso de chão, tapume, brita, teto
Constrói-se de um projeto vago, onde sua careza não se restitui
de tanto que não gostaria de ser, mas continua sendo, autômato
Sua arquitetura é o que é, se faz de pouco e um lacônico linguajar
Variando-se de códigos externos, oferecendo o Tudo que pôde
mas nunca soube que pôde muito, ele pensa em ser outro

Surge de onde não se sabe e brada, observando a fluidez do dia
O sujeito falsifica imagens mentais, quer dramas impossíveis
e voa vagarosamente, configurando-se de poeiras cármicas
Permanece em anseios, falta-lhe oxigênio, suas pontas regem
e coagulam, copulando as pluralidades da vida, quer viver
acrescentando vontades, urgências, rugas e desassossego

Termômetros e tic-tacs rugem, foge de atenção e respira fundo
pelo físico gélido de seu nariz, enche-se de ar quente e solta
floresce de quenturas, tristuras, nascentes e sertões interiores
O elemento vêm na caminhada larga, tilintando brincos de prata
é arremessado e some, entre devaneios, meios-dias e apóstrofes
Longe, nota-se o escarlata de seu coração, pulsa e emerge, travesso

O sujeito não dispõe-se de identidade, fragmenta-se, é mutável
e dotado de uma sede incontrolável, um apetite irrefreável, ligeiro

buscando por si, por um sim, carrega uma lupa e maços de cigarro
Quem é o moço, não salientou e, se deu certo, nunca saberemos
Dizem que é nomeado pelo tremor das pernas, pelo lume do olhar
No dourado de sua figura, espelha beleza, doando a quem precisa

Flamel

Alice Pimenta

Olhei no fundo dos olhos do alquimista e disse:
não quero ouro, quero vida
minha tumba não fechará quando chegar a hora
e você é o único que completará a minha sina
por favor meu senhor
à luz dessa lua fria
ao som dessa triste harmonia
rogo, rogo, rogo
tem amantes que eu ainda não pintei
óleo sobre as minhas telas
a serem expostas nas galerias do futuro
tem poetisas que ainda sentirão a urgência de escrever sobre mim
e eu preciso inspirá-las quando isso acontecer
as cartas que deixei no fundo do velho chico
devem ser entregues pelo Tempo à sua destinatária
e eu tenho que cobrar-lhe essa antiga promessa
o segredo que talharei na minha lápide ainda está vagando
pelos mármore dos castelos que construirei para a mulher que amo
os novos tempos tem que ser melhores
a eternidade é sina e esperança
é o que resta em minhas veias vazias

rogo, Flamel

não quero ouro, quero vida

Carnal

Lucas Aldeje

Eu não te peço que me escreva mil poemas,
Que me faça mil pinturas ou componha mil músicas sobre o meu ser.

Mas peço que me ofereça algo muito mais profundo do que o simples carnal,
Que demonstre mais do que o simples sexual.
Que me mostre mais do que uma simples atração.

Que deixe claro suas intenções,
Que me veja com o coração e não apenas com os olhos,
Que não me faça sentir dúvidas sobre o que sente por mim.

Faça por mim o que eu mesmo não consigo,
Me mostre algo que eu ainda não sei,
Me surpreenda com atitudes, palavras, olhares...
Me surpreenda com o simples.

Pois se a única coisa que você tem a me oferecer se limita ao carnal,
Isso mostra que você é tão profundo quanto aqueles que um dia você julgou
serem rasos.

Solidão

Lucas Aldeje

A solidão me assusta, mas não sei o porquê.

Noites sozinho, querendo uma companhia,

Mas me questiono o porquê?

Talvez para não estar só fisicamente,

Ou para tentar suprir algo em mim.

Nenhuma mensagem de boa noite, nem uma ligação de bom dia, Esperei tanto, mas esperei por quem, afinal?

Por uma amiga, por alguém da família,

Ou por alguém que nem se importa comigo?

Me questiono sobre tal solidão,

Será mesmo que estou tão sozinho assim?

Ou será que só quero suprir algo

De alguém que, por mim, não está nem aí?

Não sei a resposta, mas sei que dói,

Não por alguém, mas por mim,

Por não saber o que sentir... Ou por quem sentir,

Um vazio que não sei de onde surge.

Uma dor que ninguém vê, mas há quem sente

Não sei onde encontrar, mas sei que algo em mim está a faltar. Talvez não hoje, talvez amanhã...

Um dia encontrarei? Ou será que já encontrei?

A dúvida, que nasce da dor da solidão,

Digo que me falta amor, mas dele já sou cheio,

Só que não do dele... Mas quem será ele?

Não sei como descobrir, mas sei que a solidão ainda estará aqui...

Um eco dos morrinhos

Milena Placido Silva

Para o mestre Zanza,
que dançou conosco e agora dança com os ancestrais.
Um grande mestre.
Voz que guiava os tambores.
Uma pintura na parede,
agora desgastada.
Um chapéu com pedras,
penas,
fitas que dançam com o vento.
O som do tambor que anuncia:
É agosto, mês de alegria.
O mestre não está mais aqui,
zanzou para longe...
Ficou um vazio no batuque,
um silêncio entre os passos.
Uma pintura na parede,
agora desgastada!
A dança começa.
Crianças se encantam,
vozes ressoam no ar.
Os olhos brilham como fitas,

homens e mulheres começam a dançar.

Os tambores puxam o cortejo.

É hora de festejar!

Os ventos de agosto dançam nas fitas.

mensagem que ecoa na brisa se completa:

Uma pintura na parede,

agora desgastada.

Porém,

grandes mestres nunca morrem,

eles ecoam nos tambores,

no mundo afora

Para além mar...

Vanessa Mar

pelas águas chegamos por cá
presos em navios no alto mar
sem esperança alguma de voltar

a terra é firme pra quem já sabe onde pisar
como meus passos não são de cá
torna-se areia movediça em meu calcanhar

o ar de esperança não nos deixa vacilar
mesmo que a vontade seja de arrancar
as raízes...

o fogo causa medo no capitão
ele sabe que simboliza liberdade
a vontade não é de atear fogo em você
mas em mim

deixar arder até não sentir mais

Prece

Vanessa Mar

derramo-me em ti
feito água, cachoeira
como gozo repreendido

tu és como terra
areosa, torrão, no verão
de difícil penetração

um sopro feito ar
manda minha chuva
se aproximar pro lado de lá
pra tua rigidez não vacilar

não sou boa de ouvidos
permaneço meu corpo por cá
evocando uma boa reza
para algum deus não deixar
esse nosso fogo apagar

Suspiro Noturno

Luiz Felipe Lopes

Lua morta

Noite muda

Pensamentos desbordam

Exausto porém a insônia ainda me atinge

Assombrado com os fantasmas do passado

Aterrorizado com os perigos por trás das trevas do futuro

Só me resta crer que terei forças para enfrentar o que há de vir

O Destino me aguarda

Ícaro

Cyntia Pinheiro

Como asas em mãos de Dédalo,
Sou feita de esperança.
A aliança de uma sorte vã
Desfeita em sol de fogo.
No ocaso lanço-me ao penhasco
Deito no Zéfiro frio
No leito do rio espelho
A fronte alada da paz.

Umidade

Cyntia Pinheiro

aquelas palavras que, úmidas,
lubrificam segredos,
engrenam corpos,
arrepiam e borbulham
o fogo em nós.
não as diga,
não as sussurre
ao pé do ouvido,
deixe-as escorrerem
de meus lábios.

O sal de minhas panelas

Cyntia Pinheiro

uma fome escorria pelo lado de fora das panelas
feito saliva de quem encontra o gosto no cheiro
dos cozidos de Maria, prendada, terna e bela.
e um festival de ócios,
de quem era o sal de minhas panelas
acocorado na beira do fogo, esperando a vez
de degustar o azedo suor do gosto da donzela.
Maria, tão desistida dos amores,
pelos zelos ingênuos, pela tolice casta,
ou falta de experimentação,
não deu de comer, nem ao fogo meu,
nem ao fogo dela.

Fogo fátuo

Cyntia Pinheiro

Há um fogo fátuo
Na cama pantanosa
Onde deitam
Minhas saudades.
Irascível, volúvel.
Ainda amorna
Algumas vontades
Líquidas ou evaporadas.
Há um fogo fátuo
Em minha cintura
Lago de um amor
Proibido. Banal.
É onde apago
Meus sonhos secretos
Na ponta de um cigarro
Queimado na pele.
Ali. Bem onde
Você se deitou
Um dia.
Ou apenas quis.

Brasa

Lucas Aldeje

Brasa que plana em outra se encontra, O nascer das cinzas se espalham como uma língua, a fumaça que sobe o brilho que emana não há quem não olha.

Nascimento de uma doce paixão que acende um coração, rastros de queimadas, cinzas não olhadas, neblina de fumaça, paixão que anda o amor não se alcança.

Passos que queimam o chão não alcançam o coração, o sossego abafa a paixão, não há mais movimento a calma tomou conta do coração, a língua se encolhe a fumaça se dissipa, com a visão clara, não restou nada além de uma simples brasa.

Ventania

Lucas Aldeje

Ventania feroz, amargo ar de sentimentos
Soprando um doce bafo de negatividade
Tufão de podridão, correntes em decomposição
Vento guiado pela dor de prisões em aflitos

Correntes quebradas, ventos em liberdade
Caminho guiado pelo mais doce ar de tranquilidade
Liberdade aos céus, tranquilo ventos em bonança
Serenata cantada aos ventos, Janna que quebra correntes
Pois hoje há liberdade nos ventos.

Terra

Brenda Noire

Tentaram enterrar-me
à fundação do mundo
Mas o buraco da pá
era grande e mudo
E eu
bizarra violenta pulsante
Dura como José
que come pedra e não morre
incessante
E se me enlamo
me lambuzo
Se mastigo areia
a engulo
Faço das fezes grão
prarborizar o mundo
Pois há potência e ação
pacto velado ao virar do pó:
de que tudo o que cai
retorna

Corrente

Brenda Noire

Rastro d'água em pedra bruta
sinuosa dança perversa
Escorro entre fendas transbordantes
desenho caminhos em margens incertas.

Gotejo memórias nas areias do tempo
que a maré desfaz com mãos de esquecimento
O rio que curva, que cede, que erode,
mas nunca abdica de seguir, correndo.

Mergulho em abismos de sombras, luzes e cores
queda robusta por sensibilidades frágeis
Fluidez condensada ao ápice
enxurrada salivar dos cantares ágeis.

No fim, evaporo —
todavia, não desapareço:
reflito no céu
dos poros
e retorno em chuva
de avesso.

Fogo

Brenda Noire

Escuridão
e
olfato nulo
Coroa
de pavio
curto
Ascendo
Consumo-me a
chama
Labaredas crepitam
Faíscas
de pensamento.

Água de dentro e fora

Jéssica Hayeska

Atravessa-me

Inunda-me

Transborda-me

Chuva que beija a terra,

Água doce que corre entre pedras,

Canta ao passar,

Na queda abrupta, bruma e poesia.

Ante o rio, meus olhos marejados,

Mistério profundo, ventre do mundo.

Cai do céu,

Cai em mim.

Mar em fúria.

Nos braços do tempo, dissolve a incerteza.

O riacho, a nascente,

Desembocados do meu ser.

Tenho sede.

Oxigênio

Jéssica Hayeska

Entra pelos meus poros

Expande o fogo

Com a água é vendaval

Com a terra é barro

Comigo é pássaro.

Queria ser fênix

Jéssica Hayeska

Quem trará a lenha, quando tudo parecer esfriar?

Insisto em trazer luz à minha casa.

Acendo uma vela,

Aqueço-me nas labaredas do espelho,

Cromatizo-me de laranja, amarelo e vermelho.

O pouco que sei

É o que tento saber de mim,

Que vivo em combustão

Com ânsia de viver,

A ferro e fogo,

Tentando não me queimar com os artifícios,

Apanhando com a mão as brasas do desejo,

Hipnotizada pelo lume,

Cuido do incêndio,

Eu louvo a chama.

O que me dói são as cinzas.

Chão

Jéssica Hayeska

Plantar.

Mas antes arar o solo

Esperar o bom tempo.

Ser livre.

Mas antes, redemoinho

Esperar para firmar o pé.

Primazia.

Mas antes vem o barro

Esperar para ser vaso.

Universo.

Mas antes vem a Terra

Esperar para ser salva.

Ato I

Lucas Monteiro

Queima de arquivos

Queima de quem?

Queima de vidas

De jovens, de Brasis selvagens

Indignação pelos que se foram

Chamados de luta dos que ficaram

Na memória, chama que não se deve apagar

Tampouco esquecer

Ato II

Lucas Monteiro

Calar-se?

Não. Cantarolar! Contaminar!

Cantarolar a rebeldia

Contaminar os lados

Rebeldia que move

Contaminação que pulsa

Rebeldia que arde

Contaminação que invade

Existir? resistir!

Calar-se?

Já sabe.

Em chamas

Luiz Felipe Lopes

O ódio cria faíscas

Acende um pavio

A mente em chamas

A cabeça explode

O sangue ferve

A pele arde

A raiva queima minha alma

Reflexão

Luiz Felipe Lopes

Na parede o espelho
No espelho um olhar
No olhar um vazio

Fogo-fátuo

Maria Alice

Anseio por algo que me clama
Sinto que desde o nascimento
Existe em mim esta chama
Querer vilipendioso que dói
Agoniosa saudade suprema
Me mata e subsiste de morrer
É combustão que não queima
Fogo em doses homeopáticas
Eu próximo e distante que teima
Que sangra em luz oscilante
Fuligem de cor ultravioleta
Golpeia muda e inquietante
Sem lar que caiba a cabeceira
Incompletude interna e distante
Sufocante infinitude de ser
Estrela super nova minguante

Água

Maria Alice

Romper a bolha

Vazamento

Nuvem que recolhe.

Sede de quem nunca

Aprendeu a nadar

O líquido sou eu.

Ar

Maria Alice

O tempo paralisa no instante
Um sorriso de brisa noturna
Sem ar nesse olhar suplicante

Tempo

Maria Alice

Só caio fora do ninho

Na vida de ontem

Hoje sou passarinho

Fogo

Maria Alice

Meu corpo em você

Acende o fósforo e chama

Poesia instantânea

Composto Vivo

Mell Oliva

Cavucar com dedos nus
Adubar com restos meus
Fincar-me
Para semear essa hipocrisia
Raízes livres
Regar com persistência
Até que brote outra poesia.

O que encontrei?

Thadia

Antes de me molhar na maré da morte,
Desejo não ser o único reflexo a mostra,
Mas que as profundezas se mostrem também.
E se, de forma delirante, pensar que sua correnteza é vibrante.
Peço que essa lava não se respingue em mim.
Como fizeram antes.
Me diga, o meu azul pálido é tão ruim?

O reflexo do oceano profano, banhado por cores da falsa fama.
Era belo, Era...
Agora?
Não passa de uma poça de tons de misturas. Confusas. Imaturas.
Que não são suas.

Em março eu morri.
Escorri de repente e nem senti,
Não senti mal. Me senti bem.
Não disse nenhum adeus.
Sentimentos mistos. Confusos. Imaturos.
Que não foram meus.

Em ato desesperado,
Mas que, na nascente, me pareceu sensato,
Tentei lavar aqueles tons pesados.
Me despi e mergulhei nas águas salgadas.
Mas não sabia que, pela sede enrugada,
Seria seduzida pela embriaguez do canto que as ondas contêm.
É verdade, acreditei naquele cântico.
Permiti que os redemoinhos me levassem pelo Atlântico.
Depois de um tempo, meus ouvidos já faltavam pele.
As espumas me afogaram em seus falsos encantos.
Expondo novamente. Minha fria epiderme.

Longe, minha mente não pergunta onde

Thadia

A escassez dos sentidos dispersa.

Como cabelos em brisa cegam.

O sopro transparente.

O nada desenha.

Apague um corpo e viva um cadáver para sempre.

O trauma.

Corrói alma.

Até que os ventos desejem.

Que o decaimento do esquecimento.

Por completo.

O consuma.

Mesmo em asas.

De correntes sombrias.

Em casa.

Sempre prevalece aura inofensiva.

Eu digo que estou em casa,

Consigo sentir.

Mas por que não reconheço mais nada?

Para uma lembrança existir,
Pela primeira vez, meus olhos precisam ser lembrados.
Então, por que quando eu os abro,
As janelas se abrem, arrastando a ventania a fundir?

Eu me confundi.

Estático

Thadia

O marrom do solo me corta de modo lento,
Como quem cava sua cova com medo.
Receoso, dentro, estático, permaneço.
Eu permaneço.

Mas o lúgubre, logo, se converte em vermelho.
Sangue ou seiva.

As árvores murmuram sobre minha queda.
Suas raízes me prendem em laços de pedra.
Mas a minha promessa não se quebra.
Permaneço, estático.

Não sei se são as entranhas do solo que me leva.
Ou se sou eu quem rastejo até elas.
Mas permaneço por ti.
À espera.

Depois que eu morri

Sarah S. O. Brandão

Se um dia sentir minha presença
Depois que eu morri,
Saiba que pedi ao ceifeiro,
— Por favor, não quero partir!

Me leve ao meu amor
Não quero céu nem inferno
Quero ele só pra mim

Eu voei com os ventos
Depois que morri,
Nunca te abandonarei
Prefiro eu, deixar de existir.

Oficina de Escrita

Sarah S. O. Brandão

Ah! Minha cidade
Meu mundo de claras montanhas
Onde nasci, cresci e continuo a viver.

Meu fim de terra
Onde o trânsito perturba

E o único ponto de encontro é a rua.
Com raízes nessa terra quente
Onde o sol é pra cada gente
Sigo nessa vida
Compartilhando com a família
Gratidão.

Desejo paz a essa nação
Que baixe a inflação
Porque da terra que nasci
Só desejo o melhor
Para minha população.

Lá fora flores

Sarah S. O. Brandão

Lá fora flores

Sons de pássaros

Aqui, aula e poemas.

CRÔNICAS

Condomínio

Andrea Martins

Cinquenta apartamentos compõem o condomínio de classe média na Zona Sul da cidade. Moradias ideais para casais, grandes para solitários e pequenas demais para famílias. Acontece que os apartamentos, ou são ocupados por famílias, insatisfeitas com o pouco espaço; ou por homens e mulheres solteiros, insatisfeitos com a solidão. Há, ainda, muitas unidades vazias, possivelmente aquelas que ainda serão ocupadas por casais. Há, também, um enorme salão de festas, que raramente é utilizado, por falta de festas e excesso de regras. O regulamento, minucioso e encadernado, é distribuído a cada novo morador do condomínio como presente de boas-vindas.

O proprietário da cobertura zero quatro, que está vazia, não quer que a moradora do apartamento quinze use sua garagem, pois a convenção é clara: cada um que ocupe seu espaço, que, aliás, está milimetricamente demarcado e numerado com tinta fresca, que é para ninguém dizer que não viu. A moradora fica triste em ter que descer mais uma rampa no labirinto do estacionamento, perdendo tempo, freios e gasolina, mas há que se cumprir o regulamento. Acontece que sua vaga está ocupada pelo morador do vinte e dois, e ela, então, faz chegar até ele a necessidade de se cumprir as regras. Por uma semana, há uma grande modificação na ocupação da garagem, isso tudo por causa do zero quatro, que sequer mora no prédio, mas que fez o favor de organizar aquela bagunça.

Tudo é intermediado pelo porteiro, atento e eficiente, e que também tem a função de apagar incêndios, quando eles acontecem. E eles sempre acontecem. Por exemplo, o morador do nove mandou um recado para o saxofonista do quarenta, pedindo a gentileza de que este parasse de usar o salão de festas para ensaios, pois a música o estava incomodando.

Quando o sax do morador do quarenta silencia, dá para ouvir melhor o barulho ensurdecedor da avenida, mas sabe-se que há gosto para tudo; e há o regulamento para garantir os direitos dos moradores. Expulso do salão, que não serve para festas, nem para música, o saxofonista agora toca na garagem, dividindo o espaço ocupado pelo seu carro, que é para não invadir vaga alheia. Como o estacionamento é totalmente fechado, o som do saxofone — salvo uma ou outra nota rebelde — não ecoa pelo resto do prédio. Assim, o morador do nove não tem do que reclamar e, por enquanto, a música está segura, já que os veículos que a ouvem não têm, perante o regulamento, direito à voz.

A garotinha, filha da moradora do trinta e quatro, que morava no interior, com muito espaço e liberdade, bate as asinhas, triste e solitária naquela gaiola. Se ao menos tivesse amigos, poderia brincar com eles no salão de festas, nos horários permitidos pelo regulamento. Há outras crianças solitárias no condomínio, mas parecem todas conformadas, como pássaros nascidos e criados em cativeiro, que não sabem que é de liberdade que elas sentem falta. Às doze e trinta, estão todas na portaria, à espera do ônibus escolar: vão e voltam da escola, e logo se escondem uns dos outros em seus apartamentos. Assim, o salão de festas, que não serve para festas, nem para música, também raramente é utilizado para as brincadeiras de crianças.

O empresário da cobertura zero dois parece interessar-se pela moça do apartamento dezessete, pelo menos foi simpático com ela, no dia em que desceram juntos o elevador. Ficaram de se interfonar, mas um espera pelo outro, ambos temem incomodar um ao outro, nenhum dos dois toma a iniciativa, e fica por isso mesmo.

Um dos poucos casais do condomínio, que reside no quarenta e seis, quando não se pega em discussões acaloradas, se pega em chamegos não menos quentes. Ambas as situações incomodam o morador do quarenta e cinco, que acorda de madrugada com os gritos e/ou sussurros dos vizinhos. Ele supõe que tenha o direito de reclamar junto ao síndico, mas

ainda não teve coragem de cometer a indiscrição. Enquanto isso, com apenas uma parede dividindo o seu do quarto dos vizinhos, vai preenchendo as noites com os sons dos tapas e beijos alheios, revivendo a própria história, antes de se separar da mulher e ir viver naquele edifício.

Como estes, há vários outros moradores vivendo naquele condomínio. Personagens que se cruzam no elevador, na garagem, ou no salão de festas, onde são realizadas as reuniões de condomínio, cuja pauta quase sempre gira em torno do cumprimento do regulamento.

Museu de Arte Contemporânea

Kaio Moreira Veloso

— NÃO TEM NADA!

Minha irmã, no auge da espontaneidade de seus 12 anos, exclamou, com uma mistura de surpresa e deboche, ao chegarmos à galeria. Tivemos que andar muito até a parte mais alta do museu e da reserva ambiental. Montada diante de um pedregulho, a galeria de formato cilíndrico brilhava sob a luz do sol. A construção branca, de aparência futurista, havia de comportar a mais bela das obras. Algo que compensasse a caminhada. Algo que as humildes cabeças, torradas pelo calor da tarde, fossem incapazes de imaginar. Ao entrar, como dito pela minha irmã, nada.

Exatamente isso. Uma sala vazia. Chão de madeira e teto branco; paredes de acrílico transparente e grosso. Confesso que até eu, que me considero sensível para as maluquices da modernidade, fiquei decepcionado. Não dava para acreditar que andamos tanto para aquilo. Depois de encantar-me pela sala monocromática, tomada pelo vermelho; correr, pular e cair em meio à viagem psicodélica de terceiros; passear em meio a vidriños, cordas e esqueletos e até encarar um gradil incrustado em paredes de gesso, protegido por um intrincado sistema de controle de temperatura (“É para não oxidar”, havia explicado uma guia), aquilo era quase ofensivo. Como iria gastar meus recém-adquiridos conhecimentos em estética e filosofia da arte em uma sala vazia com vista para o nada?

Ríamos ao mesmo tempo em que ficávamos incrédulos. Mas os demais presentes não estavam vendo graça. Também não estavam conversando sobre a obra (ou a ausência dela) e muito menos reclamando da falta de criatividade, ou maldizendo os artistas contemporâneos (bando de gente doida). Tinha ouvido mais cedo, ao sair da sala psicodélica, um pai expli-

cando ao filho: “É arte moderna, e na arte moderna as coisas são estranhas”. Só não imaginava que chegaria a tal nível de abstração. Havia um som contínuo, como um coro abafado. Levamos um susto ao ouvir um barulho alto, grave e repentino. De onde tinha vindo aquilo? O som reverberou no espaço circular da galeria. Foi aí que percebi que aquelas pessoas estavam prestando atenção nos ruídos que tomavam a sala. Havia gente deitada no chão e com os olhos fechados. Sem aviso, o som alto voltava, emergindo do centro da sala de um buraco redondo.

Semanas depois, deparei-me com um depoimento online de uma visitante. Ficou emocionada com a obra *Sonic Pavilion*, de Doug Aitken, montada de forma permanente no Instituto Inhotim. Os sons vinham diretamente do interior do solo, captados por microfones instalados no fundo do tal buraco, que possui 300 metros de profundidade. Minha irmã e eu não tivemos a experiência etérea de ouvir os sons das entranhas da terra como os demais visitantes. Mas, também, ninguém nos avisou que ela falaria com tamanha exclusividade, no topo de uma colina, no maior museu a céu aberto do mundo.

Semáforo

Heverson Gabriel

Era uma manhã de céu limpo, com o sol ainda a se acomodar no horizonte, quando avistei uma cena cotidiana. Eram 8h, e ali, na esquina da rua, uma tríade familiar se preparava para encarar mais um dia comum: pai, mãe e filho. O cenário, embora simples, estava impregnado de um significado sutil. Pararam antes da faixa para atravessá-la, estavam atentos ao semáforo. O pai, com um sorriso tranquilo, carregava o filho nos ombros, e este, com as perninhas apertadas ao redor de seu pescoço, parecia mais do que pronto para participar de uma nova lição do cotidiano.

“O vermelho a gente espera, o amarelo a gente olha, e o verde a gente vai. Preste atenção nas luzes e avise o papai quando for a vez de atravessar”, disse o pai com uma paciência de quem já se acostumou a ensinar aos poucos. A criança, com olhos fixos no semáforo, parecia absorver cada palavra. O vermelho era uma constante, uma espera que exigia paciência; o amarelo, a transição, como se fosse a preparação para algo que estava por vir; e o verde, o sinal da ação. O pequeno, agora com os olhos brilhando de expectativa, aguardava ansioso, a todo momento olhando para o semáforo, pronto para gritar sua grande descoberta. E então, finalmente, o grito veio: “Verde! Verde, papai! Tá verde!” A euforia da criança era palpável, sua alegria era uma explosão que preenchia o ar ao redor. Ela sentia-se como se tivesse desvendado um segredo do universo, como se tivesse dado o comando para o mundo continuar. O pai, com um sorriso travesso, fingiu desentender, desviava o olhar do semáforo, como se não visse o sinal claro à sua frente.

“Onde? Cadê? Onde está?”, ele perguntou, com a voz carregada de um tom irônico, mas caloroso. A criança, agora ainda mais eufórica, socava

a cabeça do pai com os punhos pequenos, querendo garantir que ele entendesse a mensagem.

E ali, na rua qualquer, diante de um semáforo que piscava seu verde, a vida seguia seu curso — com esperas, olhares atentos e momentos de ação. Enquanto o pai, mãe e filho seguiam seu caminho, a lição da manhã ficava clara: é preciso estar atento aos sinais ao nosso redor, saber quando esperar e quando agir e, acima de tudo, celebrar a alegria das pequenas conquistas, que, por muitas vezes, são as maiores de todas.

O Terminal

Isaac Veloso

Lembro-me com detalhes e bastante convicção, era uma sensação medonha, enfática e superabundante. Em um domingo escuro, era uma noite acelerada e torrencial. Eu ouvia a respiração de tantas pessoas, seus suspiros espontâneos e a desarmonia de seus roncoss. As poltronas de cor bege eram perpassadas pelo sibilo do sono e o corredor era gasto de uma gente desconhecida, vidas simultâneas, endereços opostos.

O ônibus era robusto e abafado, me jogando de um lado para o outro, aligeirando curvas perigosas, voando sobre quebra-molas, fazendo de regalo minha andança e minhas caraminholas. A corrente do trânsito me parecia agressiva, combinada de um azul prussiano e uma descarga elétrica atmosférica inebriante. Quando cheguei, agradeci. Desci, degrau por degrau, em uma cidade que dormia. Aspirei na direção de uma rodoviária adornada por pedintes, escadas rolantes e copos de papelão.

Fiquei ali, plantado em uma cadeira de ferro, aguardando o próximo embarque, criando raízes e uma monotonia nauseante. Observei cenas da meia-noite e futuros passageiros abatidos. Éramos impermanentes, esperançosos, calculando os segundos em uma arquitetura construída em 1971.

Destemidos. Os homens forjavam conforto, babavam em cima de suas malas e aguardavam o alarme da próxima partida. As mulheres eram inquietas. Elas pousavam pescoço e ombros, abraçavam as pernas e cruzavam os pés, enrolavam os cabelos na altura de suas nuças e pareciam espavoridas. Havia casais e crianças, pobres e celestiais, cobertas por colchas retalhadas, auréolas inocentes, longe de berços, colchonetes ou camas. Naquele véu lunar, emoldurei a teatralidade de muitas famílias e as enxergava desprevenidas, apressadas, indo e vindo, quando, despropositadamente, um velho arfou em minha direção; seus olhos desfalecidos, lacrados

por uma penugem branca e entreabertos de uma fresta mecanizada, arrefeceram despreocupados. Ele dormia. Hibernava.

O senhor, entregue ao repouso gélido dos metais, presumia uma solidão etérea, trazia consigo marcas de uma vida antiga, têmporas borrifadas de pintas assimétricas e rugas vultosas por todo o rosto. Em seus braços, manchas amarronzadas e pelos encanecidos, tremia a mão esquerda e um dourado refletia seu anelar carcomido.

Um personagem formidável. Usava regata e um boné lilás; a bermuda ia nas canelas, e a vermelhidão de alguns machucados percorria a direção de seus pés dilatados. Por fim, acordou no susto. Mirou nos meus olhos, afobado, desejando-me boa noite. Retribui envergonhado, envolto por uma vista fleumática, longas caminhadas e destinos alheios. A cena era carregada por uma beleza estrambólica, prosaica e fatal.

Alimentei-me de uma melancolia individual e tracei novos enredos, criando fábulas interpessoais e elementos ordinários. Quando a sineta tocou, tentei ser corajoso para a próxima viagem. Virei-me contra o teto ondulado, fitando longas lâmpadas tubulares e amareladas, destacavam-se o concreto da parede, o acúmulo de poeira grisalha e um grande painel de vidro marcado pela cagada dos pássaros. Regalei-me.

Em frente ao céu degradê, eu disse adeus ao terminal. Não via nuvens ou deformidades geométricas, via um azul acentuado, meio cróceo, quase dia. Despertou diante de meus olhos, a cidade configurou-se novamente e as ruas funcionavam na trilha das buzinas. Fui ao ônibus, que zarpou sobre a ponte, e lá dentro sentia o peso das calotas; observei pessoas que acordaram nas calçadas. Sozinhas.

Engoli o medo da morte, abandonei um pedaço de mim. Na urgência de minha despedida, lembrei-me do velho napeiro, em suas feridas cálicas e no desafogo de seus olhos incompreensíveis. Continuo. Sinto o peso da introspecção e da desajuda indo embora com a angústia de um cinto de segurança e com o desespero da impotência.

Brincar de pipa

Lucas Monteiro

Eu voltava para casa em uma tarde pós-praia. Longe do litoral, o trânsito efervescia. Buzinas, gritos de “acelera”, semáforo vermelho, lentidão. Dentro do automóvel, música animada. À frente, caminho interditado: via obstruída. Uma curva à direita e um misto de sentimentos me invade: vejo, do alto da Avenida Portuária, o ritmo de casas da comunidade, que faz a vista subir ao céu.

Um desvio de olhar para baixo e, em uma pequena praça, crianças brincam felizes e despreocupadas. É o contraste da leveza ingênua dos pequenos com a solidez das edificações. A pipa, ainda relutante, finalmente ganha o céu, meio torta, mas vitoriosa, acompanhada de gritos de alegria. Tudo é improvisado, desde o brinquedo feito de garrafa até as risadas que parecem pintar de luz e cores o espaço cinza do local.

É quase uma moldura que encerra aqueles momentos, um enquadramento que coloca um limite entre a alegria efêmera e o peso cotidiano, como se mostrasse que, ali, o mundo é outro, mas a alegria é bem-vinda. As crianças, em seu mundo à parte, dão vida ao espaço como se aquela praça fosse um palco, uma arena de sonhos onde brincam pés descalços.

A curva se completa, o carro segue em frente. Pelo espelho do retrovisor, vejo a imagem das crianças se afastando. A pipa, agora apenas um ponto no céu, segue sua dança leve e capenga. Por um instante, me pergunto: o que é mais real — o peso das estruturas que aprisionam ou o sopro leve de uma alegria que se recusa a ser contida?

O pombo

Milena Placido Silva

O céu desabava numa chuva forte que formava poças nas irregularidades do asfalto. Encontrei abrigo na sala de palestras do museu regional, que estava iluminada apenas por um filete de luz atravessando a fresta da porta de entrada. A vigia disse que eu poderia acender a luz, mas preferi não incomodar. Também gostei da forma como luz e sombra se concentravam naquele lugar de memórias.

Não demorou para minha mente começar a criar histórias — sou boa nisso. Aquelas enormes portas me fizeram questionar o motivo pelo qual, no passado, as casas eram feitas com portas e janelas tão grandes.

Comecei a divagar, tentando descobrir há quanto tempo aquelas paredes estão de pé. O museu regional é um casarão construído no estilo da arquitetura colonial mineira, provavelmente o padrão da época.

Será que alguém já morou ali?

Pela quantidade de cômodos enormes, que tomam todo um quarteirão, acredito que tenha sido propriedade de uma família abastada — daquelas conhecidas por toda a cidade e que promoviam saraus invejáveis. Consigo ver mocinhas sentadas perto da janela, com seus vestidos longos e rodados, conversando sobre bailes e os rapazes por quem queriam ser cortejadas...

Eu divagaria ainda mais, se não tivesse sido surpreendida por um barulho caricato, que roubou minha atenção por completo. Logo, vejo patinhas deixando um rastro molhado pelo chão. E assim, passo a ter companhia: um cachorro caramelo entra às pressas.

A princípio, penso que, assim como eu, ele está se escondendo da chuva. Mas percebo que talvez não seja apenas um visitante: há uma tigela

azul ao lado de uma das portas, indicando que ele pertence àquele lugar. Talvez seja o vigia. Ou um visitante recorrente que acabou ganhando regalias.

Ao me notar, com aquele olhar faceiro que só os caramelos sabem usar, abana o rabo e inclina a cabeça, pedindo carinho. Faço a sua vontade e acaricio seu pelo macio, sendo agradecida com um abano mais frenético e um sorriso canino que me contagia. Ao conseguir o que queria, ele se afasta, deita no chão, fecha os olhos e tira uma soneca despreocupado. Minutos depois, um terceiro fugitivo da chuva me surpreende. Com passinhos leves, tentando não incomodar — ou talvez, não ser percebido — ele entra em cena. O novo visitante parecia assustado com o ambiente desconhecido, mas o medo da tempestade deve ter sido maior, caso contrário ele não teria se arriscado tanto. Suas penas estavam encharcadas e suas perninhas tremiam de pavor. Ele se movia devagarzinho, até perceber minha presença e parar abruptamente ao meu lado.

Olho para ele, assustada, e, confesso, com certo nojo. Penso em expulsá-lo dali imediatamente. Lembro da minha mãe dizendo que pombos são animais sujos e transmissores de doenças. Uma vez, li em algum lugar que eles são a praga urbana mais perigosa.

Curiosamente, não são uma espécie nativa brasileira — dizem que foram trazidos junto à família real, porque eram comuns na França, e naquela época tudo que vinha de lá era chique!

Tomo pelo medo o pensamento de que aquele animal poderia me fazer mal. Falo para ele sair, tento espantá-lo, mas a pequena criatura apenas se encolhe, ainda mais assustada. E se aproxima. Me olha com aqueles minúsculos olhinhos. Talvez a minha compaixão tenha me feito ver coisas, mas juro que senti aquele animal pedir ajuda.

De algum modo, ele sabia que eu não o machucaria. Que, apesar do meu medo, eu não o obrigaria a voltar para a chuva, nem o entregaria à maldade humana que poderia ceifar sua vida. Olho para o caramelo — que ainda dorme tranquilo — e me sinto hipócrita por ter dado carinho a um

animal de rua, mesmo sabendo dos riscos, e não ter feito o mesmo com o outro, só porque ele é menos aceito. Me sinto péssima. Quantas vezes agimos assim? Sim, é verdade que pombos transmitem doenças — mas que culpa tem aquele animal?

Sei que muitos vão achar ridícula essa minha forma de pensar, mas não esperem menos de alguém que nunca comeu carne porque ama demais os animais. Sim, eu sou esse tipo de pessoa.

Começo a admirar a pequena criatura pela coragem de entrar em um lugar desconhecido e correr riscos apenas para se proteger. E, assim, o que antes era nojento passa a ganhar novas formas aos meus olhos. Observo o contraste das suas penas cinzas e brancas com o brilho verde e roxo do seu pescoço. Noto que ele parou de tremer. Está confortável com minha companhia — e isso me alivia.

Ele ficou até a chuva passar. Depois, foi embora. Espero que tenha encontrado outros dos seus e que esteja, agora, em alguma praça, vivendo feliz sua vida de pombo. Naquele mesmo dia, ao voltar para a casa, fui novamente surpreendida pela chuva. Dessa vez, não encontrei um lugar para me esconder. Mas não me importei. Fazia tempo que não tomava um banho de chuva — e eu sempre gostei disso. Caminhar na chuva é uma ótima atividade de reflexão. Acho que todos deveriam, de vez em quando, experimentar a sensação. Ela clareia as ideias, nos faz observar o que passa despercebido no dia a dia. E, às vezes, nos leva a questionamentos que só surgem quando estamos fora de um teto seguro.

Me pergunto: como aquele pequeno pombo — e tantos outros pombos, que não são vistos com a mesma simpatia que um caramelo — fazem para se proteger? Sei que, na maioria das vezes, são enxotados, vistos como uma praga social que suja as praças e são vítimas de uma arquitetura que se diz neutra, mas é hostil.

A verdade é que essa crônica nunca foi sobre pombos.

Espera

Vanessa Mar

Espero-o na pequena sala ao lado do consultório. Enquanto aguardo, imagino ele fazendo todos os exercícios, assim como me diz que faz, sempre indo além do que o doutor pede — talvez uma tentativa de mostrar para si mesmo que ainda está vivo. Tento manter o foco entre a imaginação e a história que me acompanha. Esforço-me para continuar o exercício de decifrar Macabéa e a sua insignificante existência. Digo insignificante por me faltar vocábulo digno, pois percebo sua forma de presença nula, passiva e apática como uma manobra inteligente para fugir das incongruências humanas. Quem dera eu pudesse fazer essa manobra nesse exato momento. Falho novamente! Não consigo parar de imaginar quando o seu corpo vai desistir completamente. Faz seis meses que sei da sua subsistência, mas ainda não consigo captar os sinais do câncer em seu corpo ainda tão viril e rígido. Se não fosse o diagnóstico médico, duvidaria da sua atual situação. Durante isso, vejo de relance quantas pessoas entram como se fossem apenas espírito, como se os corpos permanecessem lá fora, numa tentativa de protesto, anunciando não aguentarem mais essas sessões que exigem tanto. Percebo ainda quantas pessoas saem sozinhas, sem uma única alma penada à espera para comemorar mais um passo da tão temida fisioterapia. E você sempre sai enfeitado com um sorriso, ansioso para me contar que, mais uma vez, foi além, e como o sorriso surge sem esforço em mim ao saber que, em mais um dia, o seu corpo não o abandonou. Mesmo feliz por você, não consigo esquecer os rostos solitários que esbarram constantemente na gente e penso quão angustiante deve ser atravessar a avenida, encaminhar-se para outra sala, outro tratamento e não ter ninguém que possa ajudar a encurtar a espera. Não ter ninguém para mentir que logo, logo, vai ser sua vez. Ou para dar risada de um ocorrido corriqueiro, mas

que possibilitou você se sentir ainda nesse mundo. Embora seja extremamente penoso e cansativo o tratamento e a rotina, a falta de amor e zelo é o que realmente desgasta o corpo humano. Não ter alguém para te esperar e vibrar por mais um sopro de vida é o que te leva à morte.

Somos seres de afeto, calor e contato; a falta disso se assemelha a ausência de ar.

Cadeira Laranja

Sarah S. O. Brandão

Toda manhã pegava sol, sempre com chapéu e camisa de botão, sua pele preta carregada de traços vividos me levava à reflexão. Um senhor que morava do lado de casa observava a vizinhança; seu olhar transmitia paz, ele vivia em sua cadeira laranja.

Ora um passava e lhe pedia bênção; o caro senhor era religioso, fortemente apegado à sua igreja. Não recebia coisas com a mão “errada” e contava velhas histórias de quando era moço. Sua voz era baixa, quase não se ouvia.

— Bênção, seu Divino!

— Bom dia, seu Divino!

Era quase que rotina.

Ele desejava ver sua família reunida para comemorar seu aniversário, o pobre velhinho certamente vivendo o fim de sua vida. Então fizeram uma festa: filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Seu Divino foi grato, agradeceu a presença de todos e adorou o seu Deus. Foi seu último aniversário, e não pude lhe dar o meu adeus.

Sua vida simples, sua bondade que reluzia e a sua cadeira laranja estridente tornaram a rua de casa vazia.

Poeta de corpo e alma

Mell Oliva

No início, seus traços eram precisos. Ainda recém-apontado, carregava o vigor da madeira intacta. O mundo era folha branca, e ele tinha grafite de poeta. Riscava e, sem saber, se arriscava. O lápis se esvaía à medida que o tempo fugia, condenado à palavra. De certa forma, cada verso era um texto fúnebre. Seu corpo já revelava lascas.

Preenchia onde podia, com a urgência de quem se perde para poder se encontrar. Satisfazia seu perfeccionismo dançando sem medo no apontador, e, mesmo na dor, preferia se manter afiado. A palavra o devorava a cada expressão de vida e, então, o silêncio.

Nesse exato momento, quando o lápis cabe por inteiro numa mão, percebe-se que sua morte não é completa. A madeira apodrece, mas, a cada olhar lançado às páginas por onde passou, encontraram-no eterno. Enfim, finaliza sua metamorfose.

Menina Superpoderosa

Mell Oliva

Tenho dez anos. Somos três garotas, mesma mãe, corpos e gostos distintos. Não sei que dia da semana é hoje; nós, crianças, não precisamos nos preocupar com o tempo. É um dia como qualquer outro, ou pelo menos era, até acontecer o que vou narrar. Mamãe está molhando as plantas no quintal, e Keka, a mais velha, faz companhia a ela. Eu e Tetê estamos deitadas, assistindo *As Meninas Superpoderosas*. Desenhos sobre trios de irmãs lembra muito a gente. Diferente das outras crianças, nós não brigamos para ser a personagem principal. Cada uma tem seu papel bem definido: Keka é sempre a mais madura; Tetê, a inconsequente; e me resta ser a mais nova, com personalidade doce, para condizer com meu nome. Outra coisa me diferencia dos outros filhos que conheço: sou a caçula não mimada. Agora que já apresentei os personagens, voltemos ao acontecimento. Enquanto estamos vendo TV, a inquieta da Tetê começa a mexer nas coisas de bordado que mamãe deixou na cama. Tem uma caixa mágica cheia de potinhos com miçangas, botões, linhas, agulhas, pedaços de tecidos bonitos que mamãe cortou de roupas velhas e até uns adesivos de brilho que ela usa para decorar jeans com o ferro de passar. Dentre tantas opções, Tetê escolheu uma bola esverdeada e escura, que parecia uma bolinha de gude, talvez parte de um colar antigo.

Crianças fazem perguntas bobas, mas aquela realmente me surpreendeu. Ela perguntou:

— Mi, você acha que cabe dentro do nariz?

Respondi com lógica:

— Deixa de tolice! Quero ver o desenho em paz.

Não demorou muito para que eu olhasse para o lado e visse Tetê com a bolinha entalada no nariz. Sempre fui a dedo-duro, então corri para o quintal e gritei:

— Stefanny colocou uma bola no nariz!

Parecia uma comédia da Sessão da Tarde. Tetê, com a mão no rosto, balançava a cabeça em negação. Mas a coisa deixou de ser engraçada e ficou preocupante quando mamãe começou a gritar, desesperada, pela casa:

— Cadê a chave? Procura o documento no guarda-roupa!

Em meio ao corre-corre, lá fomos nós. Só que, de repente, o Guerreiro quebrou quando chegamos na Ponte Preta. Eu, sem entender a gravidade da situação, só via mamãe, de roupão, com o rosto molhado de tanto chorar. Por sorte, um conhecido apareceu ao lado, e entramos no carro dele. Enquanto ele acelerava em direção à Santa Casa, o moço repetia:

— Assoa, menina, assoa!

Se eu não sabia o que aquilo significava, imagina Tetê, que só tem dois anos a mais que eu. A cada fungada dela, dava para ver a bolinha subindo pelo nariz, e um roxo começou a aparecer debaixo dos seus olhos. Nesse momento, mamãe já não conseguia mais olhar para o rosto dela. E então, num movimento nada delicado, paramos em frente ao hospital; a freada foi tão brusca que fez a bolinha verde saltar do nariz da minha irmã e girar no ar. Com a mesma rapidez, o moço aparou aquela ECA. E todos se entreolharam em silêncio. Não me lembro de muito mais; depois de tudo isso, as coisas voltaram ao normal. Mas, agora, toda vez que Tetê apronta alguma proeza, mamãe pega um dos seus potinhos e mostra a bolinha verde como um lembrete do que aconteceu. Os adultos têm essa mania de enfatizar os erros. Anos se passaram desde nossas travessuras. Hoje, com mais noção do tempo, tento reviver meu eu de dez anos na esperança de construir uma crônica. Escrevo como quando aspirava aos heroicos poderes das Meninas

Superpoderosas. Algumas coisas nunca mudam; mamãe ainda guarda a miçanga verde.

O Grilo

Luiz Felipe Lopes

Era uma tarde de terça-feira, eu tinha 11 anos e estava tranquilo, sem nenhuma atividade para o dia seguinte no meu caderno. Relaxado no sofá, de repente me veio à mente que meu professor de ciências havia dito algo sobre levar um animal para a próxima aula; no caso, o dia seguinte. Quando criança, minha única preocupação era com a escola: as notas, as provas e as tarefas. O pânico bateu, e fiquei desesperado. Como poderia arrumar um animal assim, do nada?

O bicho não poderia ser grande, pois não seria fácil de levar, e eu nem sabia onde arrumar um em tão curto prazo. Teria que ser um animal que eu já tinha em casa. Tinha minha cadela, porém, não era uma boa ideia, pois ela poderia fazer xixi na sala. Decidi por um inseto pequeno. Primeiro, pensei numa formiga, mas era tão pequena que poderia perdê-la, além de ser difícil de mostrar na aula.

Esse momento de decisão, lembrei-me de um som vindo do quintal do vizinho. Fui até a escada da garagem, próxima ao muro que dividia os quintais, e vi um ponto verde. Aproximando-me, descobri que era exatamente o que eu procurava: um grilo verde como as folhas das árvores após a chuva. Ele mal cabia na minha palma; tive que usar as duas mãos para segurá-lo. Com muito cuidado, coloquei-o na minha mochila e suspirei aliviado com minha missão cumprida.

No tão esperado dia da aula, eu estava todo orgulhoso, pois, na minha cabeça, eu tinha encontrado o animal perfeito para levar para a escola. Estava animado para ver o que meus colegas haviam trazido. Porém, quando cheguei na sala, não havia nenhum sinal de animal, aí já fiquei desconfiado. Na hora da aula de ciências, o professor chega e eu já pergun-

to dos animais que ele tinha dito na aula passada. Ele respondeu: “Sim, e você trouxe?”. Eu disse que sim, tirando o grilo da minha mochila. Minhas colegas olharam para o grilo e gritaram de espanto, como se tivessem visto uma barata, e outros meninos começaram a rir. Eu, tímido que era, fiquei envergonhado com a reação da turma. Meu professor, vendo meu constrangimento, interveio, solidário: “por que vocês estão rindo? Ele trouxe a esperança para a sala.”

Desde então, sempre que ouço o cantar dos grilos, me lembro com um sorriso dessa história de como passei vergonha na escola. O pior é que não foi a primeira nem a última.

Revolução com Vaga na Garagem

Gian Lucas

Ele era José Francisco Silva; ela, Maria Antônia Santos. Ambos com nomes compostos e comuns, combinando perfeitamente com a vida ordinária e uniforme que levavam. Nada demais acontecia. Chegaram à temida fase da crise dos 40 e da monotonia. Porém, nem sempre foi assim: eram um casal revolucionário, anarco-comunistas que, de alguma forma, acabaram se “vendendo para o capitalismo”. Ele trocou a Filosofia pelo Direito e hoje defende políticos corruptos; ela deixou o teatro, passou em um concurso e virou bancária.

Mas José Francisco e Maria Antônia ainda tentavam se ver como os revolucionários que foram, mas agora essas tentativas soavam mais cômicas que heroicas: ele comprava camisas de Che Guevara pela internet (com frete expresso); ela fazia um perfil no Instagram para postar poesias revolucionárias que ninguém lia.

Certa manhã, abalados pela nostalgia do passado, travaram o seguinte diálogo:

— Francisco, estava pensando sobre a sua ideia de pintar o apartamento de vermelho em homenagem ao espírito revolucionário. Topo, mas vamos ter que trocar o sofá e as cortinas.

— Será que faz sentido? Não sei bem se é isso exatamente o que eu quero, sabe? Lembra quando invadimos aquele evento da direita?

— Claro. Corremos da polícia, mas foi libertador.

— Naquela época, sim. Hoje em dia, eu só corro na esteira. O Dr. Alberto disse que é bom para o coração. Até pensei em vender a Mercedes e o Corolla e comprar bicicletas para viver fora do sistema. Mas abrir mão da vaga dupla e coberta da garagem, pela qual lutamos tanto nas reuniões

de condomínio, seria criminoso contra nossa luta e bravura.

— Verdade... Sempre fomos ótimos oradores, conseguíamos tumultuar e gerar revoluções só com nossos discursos. Fazíamos eventos interessantíssimos! Saraus poéticos e dramaturgias do Nelson Rodrigues ao teatro do oprimido do Boal. Talvez seja isso que esteja faltando para nós: precisamos nos inserir no cenário cultural contemporâneo, participar da cultura ativa e ensinar aos jovens sobre o poder revolucionário do povo!

Assim, nesse mesmo dia, compraram os ingressos VIP para um show de stand-up que aconteceria naquela noite em Brasília. Escolheram um lugar bem localizado, bem em frente ao palco. Centralizados, do lado esquerdo, havia um homem careca. Francisco, que bebera meia garrafa de Diva Vodka e fumara dois charutos colombianos antes de se aprontar para o show, não estava totalmente lúcido, mas tinha certeza de que o careca e os outros três engravatados ao lado dele eram advogados ou juízes importantes. Do lado direito deles, havia quatro pessoas que pareciam ser todos integrantes de uma família; pelo bronzeado da pele, Francisco especulava que fossem do Nordeste. Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Maria.

— Francisco, estava pensando em como poderíamos passar nossa mensagem ao público. Normalmente, o comediante interage com quem vem de outros Estados. Diremos que somos do Acre, visitando a capital.

— Ótimo! Só de falar “Acre” já rende piada. E se ele perguntar nossos nomes, que tal usar Paris e Helena. O que acha?

— Será que ele vai entender a referência? Os jovens de hoje parecem que não leem mais! No banco, lido com vários analfabetos funcionais. De qualquer forma, se ele perceber e desconfiar da nossa história, falamos que você me abordou na faculdade e comentou da coincidência de nossos nomes dizendo: “Oi, Helena, sou Paris. Inspirado pela sua beleza, eu entraria em guerra, mesmo com chances claras de morrer.”

— E se ele não entender?

— Quem perceber, fruirá! E, para manter a atenção dele, você pode dizer que me roubou do chefe do morro, um tal de Menelau.

— Menelau acho exagero. Melhor dizer que roubei você da sua namorada, conhecida como Mel. Mantém a referência, mas é mais sutil.

— Sim! E a loucura de eu trocar uma mulher por você chamará atenção também.

— Como assim? Que ênfase é essa em “por você”?

— Esquece, olha. E se, para aproveitar o apelido, você dissesse algo do tipo “para conquistá-la disse: Helena, prazer saiba que o mel que você deseja na verdade é esse zangão que vai lhe trazer.”

— Ótimo! E, no final, em alto e bom som, diremos que a história é inventada, mas que a realidade nos chama a entrar na verdadeira guerra, a guerra contra o capitalismo! Passaremos o recado!

O show começou, e tudo saiu como planejado: o comediante perguntou quem era de outro Estado. Francisco e Maria levantaram a mão prontamente, mas uma família carioca ao lado fez o mesmo. O pai era militar; o combo família carioca e pai militar rendeu belas e variadas piadas. Francisco e Maria não riram de nenhuma; estavam ávidos para participar.

Após algumas piadas, o comediante pediu para acender as luzes da plateia para interagir com o público. Francisco, no alto de seus quarenta anos, questionava se Darwin tinha razão ao falar da evolução e adaptação das espécies, pois não conseguia entender quais as vantagens da calvície. Mas, naquela noite, viu a vantagem: a luz bateu na careca do homem ao seu lado e resplandeceu, chamando a atenção do comediante.

— Boa noite, amigo! Qual o seu nome? — perguntou o comediante ao careca, que respondeu “Alexandre”.

Francisco e Maria se entreolharam, indignados. Aquilo não podia

ficar assim. Ela então sussurrou:

— Francisco, faz alguma coisa! Solta o grito revolucionário, chama a atenção dele!

Francisco, de repente inspirado, levantou-se e berrou, com a mão erguida:

— Viva Che Guevara! Abaixo o capitalismo!

Um silêncio se fez. Alexandre, o careca, olhou atônito. O comediante piscou, espantado, e só conseguiu responder:

— ... Que legal, amigo. E também viva o SUS, né?

Risadas da plateia. Francisco e Maria desabaram nas cadeiras, derrotados. O plano estava arruinado.

A única coisa que virou aquela noite foi o limite do cartão no bar.

E se

Gian Lucas

Acordei às 5h30 da manhã por culpa de um alarme que ficou programado para todos os dias — logo hoje, um sábado, dia de folga depois de tanto tempo, em que planejava dormir até mais tarde. Mas acontece com as melhores e piores pessoas. Acredito piamente que certos eventos são universais e atemporais; e um deles é sermos acometidos por pensamentos intrusivos, desses que chegam sem pedir licença, cujo conteúdo é sempre um grande “E SE”, envolto em conjecturas e sonhos. Foi um desses que invadiu minha mente e me atormentou de tal forma que não consegui dormir e vim escrever esta crônica que se segue.

Mas o que seria esse “E SE”? Onde vive? Do que se alimenta? Creio que viva em um barracão, mas num bairro bem localizado do nosso inconsciente, e que, no primeiro feriado prolongado ou nas férias, vem passear na capital de nossa mente. Acho que se alimenta de sonhos e desejos. Vontades reprimidas? Não sei, mas Freud — além dos temas envolvendo falo e incesto — certamente poderia contribuir para elucidar essas questões.

Acho que o “E SE” aparece para a maioria das pessoas como uma doença, no momento em que nossa imunidade está baixa por algum motivo; seus dias preferidos são sábado de manhã em dias chuvosos, domingo à noite e segunda-feira de manhã. Mas ele nem sempre surge assim, como uma visita indesejada e intrometida que não sabe a hora de ir embora. Às vezes, somos nós que erramos e, talvez, movidos por um desejo de automartírio, vamos ao barracão visitá-lo — normalmente de terça a sexta, sempre à noite, antes de dormir. Pensamos coisas como: “E SE eu tivesse passado naquele concurso em 2018?”, “E SE eu tivesse recusado aquela proposta de pirâmide financeira?”, “E SE o Neymar não tivesse saído do Barcelona?”, “E SE o Sandro Meira Ricci não tivesse marcado aquele pênalti para

o Corinthians, em 2010, fazendo do Cruzeiro campeão?”, “E SE eu tivesse feito Letras no lugar de Direito?” ou então “E SE eu resolvesse largar as convenções sociais e virar andarilho pelo mundo?”. São muitas as conjecturas que fazemos antes de cair nos braços de Morfeu.

No meio artístico, existem inúmeras histórias interessantes do nosso querido “E SE”, que alimentam nossa curiosidade e imaginação. Sabia que Will Smith recusou o papel de Neo em Matrix? Hoje parece impossível imaginar alguém que combine mais com o papel do que Keanu Reeves. Sua falta de habilidade para demonstrar emoções, sua expressão de perdido, sua incapacidade de atuar e, paradoxalmente, seu carisma dão substância ao personagem, tornando-o perfeito para o papel — assim como em John Wick, às vezes o personagem pede um mau ator.

Há ainda outros casos curiosos, como Michael Jackson tentando comprar a Marvel para interpretar o Homem-Aranha; Nicolas Cage sendo cogitado para ser o Superman; e The Rock quase interpretando Willy Wonka em *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. Mas, entre esses casos absurdos, o que mais me toca é aquele que muitos chamam de “o melhor filme nunca feito”: *Duna*, de Jodorowsky. O filme teria a direção de arte e as ilustrações de Moebius, trilha sonora do Pink Floyd e um elenco estrelado por Mick Jagger, Orson Welles e Salvador Dalí. As reuniões e o projeto como um todo tornaram a produção lendária. Entre as várias histórias mitológicas, gosto daquela em que Jodorowsky conta que, para recrutar Dalí, precisou responder uma pergunta inusitada feita pelo artista surrealista: se a resposta fosse adequada, Dalí participaria do filme. Dalí perguntou: “Quando jovem, eu saía a passear pelo mundo com meu amigo Picasso, e nas praias frequentemente encontrávamos relógios. Você já encontrou relógios na areia da praia?”. Jodorowsky hesitou por um segundo; não podia mentir e dizer que sim, seria absurdo, mas conseguiu responder: “Dalí, nunca achei relógios na areia da praia, mas já perdi vários”. Dalí, contente, aceitou participar do filme, fazendo exigências absurdas, como girafas no set, cenas com golfinhos e um salário astronômico, pois que-

ria ser o ator mais bem pago de Hollywood. A solução de Jodorowsky foi aceitar o salário, mas reduzi-lo proporcionalmente para um tempo de tela de apenas três minutos, honrando o pagamento sem inflar ainda mais o já gigantesco orçamento. Infelizmente, o longa, que poderia ter duração superior a quatro horas, não conseguiu patrocínio, o que minou o projeto. Além desses cenários, duas temáticas se destacam das demais quando o assunto é a presença do “E SE”. A primeira pode ocorrer em qualquer dia ou horário, mas costuma vir em dezembro: o grande “E SE eu ganhasse na Mega-Sena?”. Independente da classe social, profissão, idade, gênero, cor ou religião, se você vive e respira, você já traçou planos e fez investimentos com esse dinheiro imaginário. Comprou casas, carros, joias, roupas; fez viagens, fechou o puteiro, etc. Alguns conseguem até a proeza de gastar todo o dinheiro sem nunca o ter ganhado de fato.

O segundo evento canônico do “E SE” é aquele que pensamos antes de dormir ou que nos tira o sono num sábado de manhã em que você acorda por conta de um despertador programado para o dia errado: o querido “E SE” das paixões. Como Alceu Valença, que não esquece a moça bonita da Praia de Boa Viagem, todos nós já vivemos e viveremos esse momento carregado de sentimentos diversos, como a nostalgia por uma paixonite do ensino fundamental — mais idealizada que nos poetas barrocos. Era uma paixão que crescia sem vermos, que alimentávamos mesmo sem mal termos conversado com a musa almejada. Namorávamos, mas ela não sabia, e até hoje segue sem saber.

Às vezes o sentimento é de alívio: a inocente musa da infância agora, na fase adulta, está no presídio por estelionato, clonagem de cartões, corrupção e formação de quadrilha. Mas muitas vezes o sentimento que acompanha o “E SE” é uma melancolia. Ele ocorre quando houve alguma troca, seja de conversas significativas, olhares intensos ou saliva. Mas, devido a algum fator — inexperiência, medo ou simplesmente as demandas da vida no capitalismo — a paixão esfria, e aquela pessoa que parecia ser a revelação do time se contunde e some na reta final do campeonato. Meses de-

pois, você a encontra por acaso e descobre que ela está noiva, e se pergunta por que as coisas deram errado ou o que poderia ter sido feito para um final diferente. Nesse momento, o “E SE” ganha força e te golpeia repetidamente, como um pugilista profissional. Nesse cenário a musa constrói-se com a beleza e perfeição que só existe na imaginação idealizada e, assim, projetamos futuros incríveis que possivelmente existem em universos paralelos onde o labirinto e as correntes do destino não nos separaram, mas, ao contrário, nos uniram. Como disse um artista certa vez, o sentimento desses momentos é como uma “saudade daquilo que a gente ainda não viveu”.

Com o tempo, inevitavelmente, esquecemos tudo isso e seguimos com a vida, mas, independentemente da fase, boa ou ruim, o “E SE” continuará lá, no seu barracão na esquina principal do nosso inconsciente, aguardando o momento certo para matar a saudade e vir nos visitar.

Velheza

Cyntia Pinheiro

Ele mirou em mim. Botou o dedinho na tela e clicou. Depois olhou para a imagem capturada e decretou:

— Mãe, você está ficando velha!

Eu sei disso. Eu estou ficando velha. Muito antes do que eu imaginava ou quisesse. Mas a vida é assim. O tempo é essa coisa rigorosa, exigente e eficiente por demais. Vai esticando nossos elásticos, comendo nossos neurônios, puxando para baixo nossas curvas, derretendo a cara e é isso... Não há o que fazer. Ou há, mas algumas de nós não querem ou não podem pagar por procedimentos estéticos cada vez mais caros.

Aprendi com a minha mãe o segredo para parecer sempre jovem: sorrir! Ela tem rugas, tem flacidez, mas tem jovialidade e até alguma inconsequência pueril, parecendo ser sempre uma pessoa jovem, porque minha mãe vive sorrindo e isso torna sua velhice muito mais bonita.

Não dá para se ter a beleza dos vinte e dois anos num corpo de quarenta e seis. Fazemos o que podemos. Tentamos uma beleza branda, que se alisa na maciez dos cremes, que se perfuma e passa um batonzinho só para desopilar. Mas também estamos descobrindo que não há verdade mais verdadeira do que a da máxima: “a beleza está nos olhos de quem vê”. Afinal, se olharmos de perto, ninguém é bonito. Vamos combinar que não há unanimidade nisso.

Elizabeth Taylor, atriz anglo-americana que foi um ícone de beleza com seus olhos violeta, viu sua carreira declinar quando começou a envelhecer e ficar flácida como toda boa senhora. Há quem diga que a nonagenária Sophia Lóren não envelheceu bem, pois teria exagerado nos procedimentos estéticos, prejudicando sua beleza natural. Já Jane Fonda, na minha

modesta opinião, tornou-se uma octogenária bem razoável neste quesito. Segue bonita e elegante, tendo provavelmente acertado o profissional que cuida de seu rosto.

Mas vamos combinar que não somos mulheres como elas. Não temos toda a grana delas para bancar os erros e acertos dos profissionais da beleza que prometem uma aparência eternamente jovem, mas que dura no máximo seis meses.

Nossas avós não tinham crise com relação a isso. Nossa geração talvez seja a primeira a sofrer esse pânico geral com o envelhecimento. Tudo isso porque enquanto essa era uma preocupação das grandes protagonistas, que perderiam papéis no cinema quando envelheciam, agora nós também somos protagonistas sociais, especificamente das redes. Vivemos a hiperexposição e é ela quem exige de nós a juventude eterna.

Temos medo ou vergonha de envelhecer porque agora somos muito mais vistos do que há algumas décadas. Flertamos, paqueramos, produzimos conteúdo, nos mantemos no mercado de trabalho até mais tarde, e, para tantas demandas, temos a necessidade de permanecermos atraentes até o fim da vida. Uma utopia, lhes afirmo. Exceto quando se morre cedo, coisa que ninguém quer.

Se a vida não tem hora para terminar, a boa elasticidade da pele tem. E tudo vai mesmo cair. O que me consola é que meu filho que hoje me acha velha continuará me amando, ainda que eu fique cada dia mais velha. O homem com quem me casei disse que, para ele, isso não faz a menor diferença, envelhecerá comigo e passará pelas mesmas coisas, então, se posso aceitar sua velhice, ele também aceitará a minha. Do contrário, que cada um seja feliz por si.

A verdade é que quem me acha bonita hoje, não me acha bonita por causa da minha pele sem rugas, porque eu já tenho muitas. Talvez enxergue em mim algo além da aparência física, e, se assim for, seguirá comigo, envelhecendo ao meu lado, porque duro mesmo é envelhecer sozinho.

Os bons amigos são os que fazem a dobradinha: velhice + leveza = velheza! Então, brindemos à velhice dos que estarão conosco, mesmo depois de muita flacidez, pois é com esses aí que vale a pena seguir.

O tamanco de madeira

Brenda Noire

Naquele quarto de paredes alaranjadas pelos tijolos, onde o reboco nunca chegou, a escuridão parecia um desejo eterno. Aos dez anos, eu mal conseguia enxergar. O esforço constante congestionava o único olho apto a ver o mundo e sua materialidade, e os cílios que cresciam daninhos para dentro, tornavam a minha visão ainda mais penosa. A iluminação era insuportável, forçando-me a pender a cabeça para baixo e fixar os olhos no chão. Terroso e avermelhado, era meu universo. Ali, naquele espaço que se tornara um cárcere, a solidão era minha confidente.

Raramente via minha mãe. Presença espectral, ela vivia sonâmbula. Saía antes mesmo de eu acordar e retornava após eu já ter adormecido. E eu estava sempre insone. Todavia, naquele dia, aparentemente corriqueiro, algo incomum aconteceu. Era horário de almoço, e, surpreendentemente, reconheci os passos destemidos da mulher ecoarem pela casa.

Ela entrou no quarto silenciosamente, procurando por algo que, até hoje, não sabe se achou. Não eram necessárias palavras; sua presença imponente preenchia o espaço de maneira quase tangível. Minha visão, turva e limitada, captou apenas seus pés. Pés pedicurados de esmalte vermelho em um tamanco de madeira escura e fosca, adornado com largas correias de couro branco. Pés que desfilavam uma elegância roubada em prol da sobrevivência.

O som daquele tamanco batendo no chão de concreto, aquele trotar elegante e ritmado se alinhava em cheio ao bater do meu jovem coração, inundado pela paz de sua presença e pelo medo de nunca a ver por inteiro. Arfei diante de sua magnitude, ansiosa para que ela — de repente — despertasse, me embalasse, me dissesse e convencesse de que ficaríamos bem.

Entretanto, não passou de projeção. A bela dama estava apressada, tempo era dinheiro e dinheiro era sustento. Consolei-me para desfrutar de seu desfile por mais alguns minutos, e ela logo partiu. A imagem daqueles pés tornou-se para mim um verdadeiro símbolo. A madeira escura e firme, as brancas correias contrastantes, tudo isso representava um fragmento da minha mãe que eu podia alcançar. O fragmento de uma figura que, apesar de presente, era sempre vultuosa.

Naquele quarto, onde a luz feria e as sombras coreografavam, o tamanco de madeira era tudo. Tal lembrança jamais se dissipou, acompanhando-me nas estradas até a adultidade. Nessa mistura de escuridão e vislumbres, a presença ausente da minha mãe foi o meu estandarte de guerra, assentado sob tiros no escuro. O tamanco, com seu som peculiar, tornou-se a memória viva de uma conexão ansiada e temida.

Arquivo Morto

Alice Pimenta

A cadeira em que estou é confortável, o que estou divagando talvez não o seja. Angústias, angústias e mais angústias, será que ela não se cansa de me ouvir falar? Eu me cansaria. Não sei mais o que estou dizendo. Eu não me deixo pensar muito quando estou aqui, porque se eu pensar demais talvez não seja tão genuíno, é necessário que ela saiba exatamente a forma como meus pensamentos chegam para mim

Todos esses sentimentos intensos me entretém, é claro, mas a porta na minha frente é muito mais interessante. Eu entrei para o consultório por meio de uma escada, um único vão, mas extremamente longa e inclinada, pronta para engolir meus tropeços. Creio que essa porta deveria abrir diretamente para o abismo dessa escada, uma queda enorme até o chão cruel lá embaixo. Ou talvez a porta dê para algum abismo. O dela. O abismo dela, que ela guarda atrás da porta enquanto encara o abismo de outrem sem se deixar cair nele.

Ou, quem sabe, atrás da porta há um esconderijo de todos os sentimentos que despejei nessa sala, o lugar para onde vão todas as lágrimas não enxugadas. Um cemitério de angústias. Um arquivo morto das minhas versões que não existem mais, aquelas que eu matei e aquelas que mataram por mim. Ela coleciona minhas melancolias como eu coleciono tudo que ela tem a dizer sobre elas. Talvez atrás da porta estão todos os anéis que já usei, todas as mulheres que já ameie, todos os sóis que engoli, tudo que eu fiz para estar aqui agora. Estou sendo demasiado pedante, talvez ela também colecione outros sentimentos lá dentro, uma verdadeira galeria. Estou inquieta. Quero abrir a porta e me libertar de lá de dentro. Atrás da porta, há um abismo e esse abismo sou eu. Consigo me ouvir gritando e batendo na porta. Meu outro eu deve estar louco querendo sair; eu nunca estou sa-

tisfeita com o lugar onde me encontro. Meu maldito sangue provavelmente está escorrendo pelas paredes.

A sessão de terapia chega ao fim.

— O que tem atrás daquela porta? — pergunto eu para a minha terapeuta. Ela sorri como se soubesse que eu fosse perguntar isso.

— Um banheiro.

CONTOS

Entre Deus e o Diabo

Emerson Dantas e Pimenta

Estavam Deus e o Diabo, no fim dos tempos, dividindo as almas dos pecadores, que foram organizadas em grupos de acordo com seus pecados. Após a organização, Deus pediu que cada grupo enviasse um representante e que perfilassem à frente do púlpito. O Diabo pediu a palavra e começou a falar, acariciando o queixo harmonizado:

— O primeiro que levarei será o invejoso. Esse que passou toda a vida desejando aquilo que o outro tinha... — arrancou a pena do descanso e riscou a pele, molhando o bico no sangue vermelho. Deus, calmamente, levantou a mão:

— Meu caro, o invejoso, que, em toda sua vida, desejou aquilo que era do outro não fez maior mal senão a si mesmo. Pobre deste homem que sequer teve a chance de viver... Deixe-o comigo, ele merece um pouco de sossego agora. — O Diabo torceu o bico, olhou para os outros rostos assustados e disse:

— Levarei então o violento — estava prestes a começar a escrever no enorme livro à sua frente quando Deus, com seus olhos misericordiosos, arfou, deu um leve sorriso e disse:

— A violência nada mais é que fruto da própria violência. Essas pessoas experimentaram o inferno na própria terra; nada mais justo que agora eu as leve comigo.

O Diabo praguejou baixinho, sabia que seria uma disputa complicada. Deus não abandonaria seus filhos tão facilmente. Mas ele não desistiria. Faltava no inferno mão de obra para o mal:

— Levarei então o soberbo! — Antes de levantar a pena, o Diabo já olhou de soslaio, esperando a intervenção divina.

— Meu filho, o soberbo é um homem que passou toda a sua existência com medo: medo de não ser visto, medo de não ser respeitado, medo de não ser amado. Você já o teve todo esse tempo sob a sua custódia, você é o pai do medo. Deixe que esse filho experimente um pouquinho de amor agora no fim dos tempos. Eu o levarei.

O Diabo largou a pena sobre a mesa, deu três voltas sobre o próprio eixo e rangeu os dentes. Deus continuou plácido, olhando o medo nos olhos de cada um à sua frente, e assim a divisão seguiu. Deus levou consigo o glutão, o vaidoso, até o luxurioso. O Diabo estava jogado na cadeira, derrotado, exausto. Deus continuava de pé, calmo. Faltavam ainda alguns.

— Vou levar o intolerante.

— Se até nós dois somos capazes de dialogar, o intolerante é capaz de aprender, deixe-o comigo.

— Posso levar então o preguiçoso? — perguntou o Diabo. Deus mordeu o lado inferior e soltou uma risadinha:

— Que vais ganhar com o preguiçoso em sua obra? Deixe-o comigo, tenho muitas nuvens para amaciar. — O Diabo arregalou os olhos, chocado com o péssimo argumento. É difícil defender os preguiçosos, mas contra Deus ele não podia, e mais uma vez a disputa continuou.

E nessa foram o avaro, o mesquinho, foi até o que não honrou pai e mãe. Todos eles para o lado de Deus.

Só restou um homem parado diante deles. O Diabo olhou para o homem, olhou para Deus, olhou para o homem, olhou para Deus, olhou para o homem e olhou para Deus. Arqueou as sobrancelhas e ficou aguardando. Deus continuou com as mãos juntas ao colo. O Tinhoso perguntou, enfim:

— E aí? — Deus desviou o olhar, expirou. O Diabo insistiu: — E aí, não vai levar o chantagista? — Deus olhou para o homem e olhou para o Diabo e, com o seu tom de voz calmo, disse:

— Esse homem experimentou o poder sobre seu irmão; experimentou-o por meio da informação, do segredo, da violência, do dinheiro — muitas formas de controlá-lo — e teve, muitas vezes, a oportunidade de parar e não parou. Eu deixo você levar esse homem.

O Diabo se levantou da cadeira, colocou as mãos na cintura:

— O quê? — a voz saiu esganiçada. O Pai da Mentira tossiu, recobrou a postura: — Não quero chantagista no inferno, já é bagunçado demais. E você levou até os corruptos. Leve-o para o céu.

— Alto lá, os corruptos ficarão um bom tempo no purgatório para pensar no que fizeram. Eu não acho que seja um debate justo eu levar a todos e você voltar para o inferno sem ninguém, meu filho, leve o chantagista. O Diabo balbuciou algumas ofensas:

— Eu não preciso da sua pena, não preciso de migalhas. — Fechou o seu enorme livro com ódio, guardou a pena no bolso e começou a caminhar. Deus pôs-se ao seu lado em silêncio. O homem chantagista ficou parado olhando para o tempo, sentou-se em uma pedra e ficou aguardando um novo Armagedom.

A alguns metros dali, o Diabo cochichou para Deus com a boca torta:

— Ele sabe algum podre seu também?

E Deus respondeu:

— Não, mas vai que ele descobre...

À beira do futuro

Alice Pimenta

Verônica sentiu uma respiração pesada contra seu pescoço. Não foi o bastante para acordá-la. Algumas horas depois, porém, ela finalmente acorda. Abre os olhos devagar, mirando-os para o teto adornado até que ele a mire de volta. Ela sente sua respiração pesada, seu cabelo enrolado embaraçado entre suas mechas. O quarto vazio. Segue o dia.

Ela escolheu uma camisa de botões vermelha e uma calça de alfaiataria preta. Não é do seu costume usar cores demais. Ao terminar de abotoar a camisa que escolheu usar, Verônica sente uma dor aguda no meio do seu peito, nunca antes sentida. A dor era difícil de se descrever, nunca sentiu algo assim antes. O único adjetivo à altura que encontrara foi *perfurante*. Ela se vê olhando para o espelho e tocando levemente o lugar à procura de uma causa. Pensou rapidamente em uma doença cardíaca que nunca teve, mas o coração, se é que algum dia ela já possuiu um, não fica no meio do peito. Não há, pensando bem, nada nesse lugar. Ela precisa ir.

No carro a caminho do set de filmagens, ela escuta *Ária da Corda Sol*, de Sebastián Bach. Odeio Bach, mas a peça é linda. Tão linda que Verônica quase chora. A atenção no trânsito a desvia de suas emoções. Emoções essas que ela sente apenas através da arte. Ela não reclama, mas res-sente no fundo a falta que isso faz no dia a dia; nem tudo ela consegue controlar, apesar de desejar profundamente que as coisas fossem mais do jeito que ela quer e menos da forma que o destino planejou.

Ela chega ao set e entra pela porta da frente. No momento em que cruza a entrada, Verônica sente a pontada em seu peito, dessa vez, mais forte. Ela começa a ouvir uma voz em sua cabeça avisando para que ela não entre na orquestra. Ignorada. É a sua paixão e o seu trabalho. Coisas

mundanas como simples degustações de dor física nunca foram realmente capazes de pará-la. Ouve imediatamente uma voz conhecida e suas pernas adormecem de susto:

— Verônica! Bom dia! A nossa protagonista já chegou e quero apresentá-la para você. — disse a produtora executiva, Magda.

— Bom dia, Magda. O que ela está fazendo aqui essa hora? Nossa reunião está marcada para daqui quarenta minutos ainda.

— Ela disse que está nervosa, não queria atrasar. Se você preferir, esperamos até o horário da reunião.

— Não, não. Não quero deixá-la mais nervosa do que já está. Vamos. — E como está Bianca? — pergunta Magda a caminho da sala de reunião. — Está bem.

Verônica ainda não conhecia a protagonista do seu novo filme de drama. Ela tinha somente visto o vídeo do teste da atriz. Assim que o viu, soube imediatamente que ela deveria protagonizar o filme que iria dirigir. Verônica sempre foi firme em suas decisões, mas essa decisão quem tomou não foi ela. Foi o destino.

Magda abre a porta e a mulher sentada na mesa ao lado de seus agentes e produtores do filme mira Verônica profundamente e suspira. Verônica abre um sorriso.

— Verônica, essa é Stella, sua protagonista. — diz Magda, abrindo um sorriso.

Verônica observa Stella com bastante cuidado. Ela é linda. Mais linda do que eu esperava. Ela tem o rosto que Verônica procurou a vida inteira. Sua expressão sempre rígida se esvai diante da mulher na sua frente. Qualquer um presente naquela sala descreveria Verônica como hipnotizante.

— Oi, diretora. É um prazer conhecê-la. Sempre admirei muito seu trabalho, estou muito animada para atuar nesse filme. É o melhor roteiro

que eu já li. — Me chame de Verônica, querida. — ela suspira, mantendo contato visual com a atriz em sua frente .

— O prazer é todo meu. — ela sorri e estende a mão para cumprimentá-la.

Assim que Verônica se senta, ela sente a dor aguda em seu peito. Está ficando mais forte, mas ela consegue controlar sua reação à dor. A reunião dura a manhã inteira. A diretora sempre odiou essa parte burocrática da arte, contudo dessa vez Verônica estava consideravelmente investida. Todos percebiam a conexão que parecia existir entre Verônica e Stella, talvez fosse isso. Antes que as despedidas começassem, Verônica se volta para Stella e a convida para um almoço, sob a premissa de conversar mais sobre o papel e o filme. Stella aceita quase que rápido demais.

Enquanto folheia o cardápio procurando algo que goste para pedir, Stella sente o olhar de Verônica repousando nela. O lugar escolhido fica perto do set de filmagens, a diretora já esteve aqui algumas vezes, mas agora o lugar parece muito mais bonito e aconchegante. Talvez quem deveria receber os créditos por essa mudança não deva ser o restaurante.

— Fui eu que escolhi você — diz Verônica, num tom suave, reclinada na cadeira, sorriso devagar no rosto.

— Magda me disse, mas eu não acreditei nela — disse Stella, abrindo um sorriso.

— Temo que minha protagonista tenha que ser mais arrogante do que isso. Eu posso ser o que você quiser, Verônica. — Stella se aproxima colocando os cotovelos na mesa. Verônica levanta as sobrancelhas.

— Está pronta para pedir?

O almoço fluiu muito melhor que a reunião. Fazia algum tempo que Verônica não sentia essa urgente necessidade de saber o que a pessoa na sua frente estava pensando. Ela queria saber tudo, independentemente do quão significante fossem as coisas que já aconteceram com Stella, ela queria saber. Queria também contar tudo que já lhe aconteceu à mulher

em sua frente. Ela tende a esquecer quase tudo e se fosse para confiar suas memórias a alguém, seria Stella. Queria contar sobre todos os filmes que já escreveu. Contar por que fez cada um deles e por que ela seria capaz de fazer um também para Stella. Era um hábito de Verônica dedicar filmes para amores. Contudo, isso não faria de Stella menos especial. Ah, ela queria pontuar isso também. Stella, por outro lado, sentia que já conhecia Verônica há muito tempo. Já conhecia seu jeito de falar, a forma como os raios de sol caem sobre seu rosto tão graciosamente, seus olhos hipnotizantes e irresistíveis de dedicar-lhes um poema. Stella queria queimar todos os quadros que já pintou para outras mulheres. Qual a sua razão de ser se nenhum deles tem a Verônica como sua musa?

— Eu sempre tive uma visão muito clara do que eu queria fazer com minha arte. Nunca mudei uma só fala enquanto dirigia um filme. Mas você, Stella, — suspira Verônica, procurando as palavras certas para dizer — você muda tudo. Pensei que fosse encontrar uma atriz e fazê-la brilhar como sempre faço, mas você brilha sozinha. Acho que eu terei que fazer o filme em torno da sua performance e não o contrário.

— Você não acha isso bom? Mudar um pouco a forma como você trabalha? — questiona Stella.

— Creio que todas as mudanças são filhas de razões ainda maiores.

Um filme de amor, feito por amor, para um amor. Você já fez isso antes? — Acho que não, Stella.

Verônica volta para o set de filmagens com Stella. Ela queria ver sua protagonista lendo algumas outras falas para o filme. Elas adentram um cenário escuro, iluminado apenas por uma luz posicionada acima de um banco. Stella se senta no banco e Verônica pega uma câmera pequena que estava junto aos equipamentos dentro da sala. Ela volta a câmera para a direção de Stella e sente a mesma dor no peito, bem mais forte e perfurante. Talvez ela deveria dedicar mais atenção a isso do que o previsto, porém não agora. Agora ela estava ocupada com Stella.

— Você também é diretora de fotografia? — Stella pergunta.

— Essa sempre foi uma das minhas partes preferidas de se dirigir um filme. Não tenho tanto tempo para fazer tudo com minhas próprias mãos, mas posso te demonstrar. — Verônica posiciona a câmera frente a seu olho.

— Comece.

— “Eu não sei se quero reviver aquela mesma noite toda vez que me venha seu nome à cabeça, Ariane. É tortuoso para mim. Ter que tomar como verdade algo que sempre estive convencida de que você jamais faria. Eu juro que eu queria poder te deixar, mas eu não consigo. Meu coração não bate sozinho sem você. Se o tempo não está preparado para nos ver separadas, por que eu estaria? Ariane, eu nunca deixei de te amar.” — Stella suspira, olha para Verônica e repete: “Ariane, eu nunca deixei de te amar.”

Verônica se deixa levar e pensa por um segundo que não escreveu essa linha. Na verdade, Stella pronunciou como se ela a tivesse escrito. Ela era perfeita para o papel. Ela era perfeita. Pensou em Stella o caminho inteiro de volta para sua casa. Esqueceu de tudo e de todos. Todavia, a dor a atingia novamente no meio do peito. Que insistência. O que poderia ser isso? Seu plano inicial era ignorar a dor, mas sua frequência já estava se tornando irritante. Assim que chegasse em casa, ela teria que agendar uma consulta.

Verônica chega em sua casa e se depara com sua esposa na cozinha, cortando ingredientes para um prato que estava fazendo.

— Amor, oi. Como foi seu dia? — Bianca pergunta com um sorriso no rosto. — Oi, querida. Meu dia foi maravilhoso, e o seu?

Bianca se vira completamente para analisar a expressão de Verônica.

— Maravilhoso? — Bianca estreita seus olhos, observando o sorriso frouxo que sua esposa lhe mostrava. Algo estava errado. Havia tanto tempo

que não via esse sorriso que pensou estar alucinando quando tirou as conclusões. — Quem é ela?

— Ela quem?

Por um breve momento, Verônica realmente não sabia do que Bianca estava falando. A resposta para a dúvida de Verônica surgiu tão rapidamente quanto a faca que Bianca segurava em seu campo de visão. A faca traçou seu caminho elegante no ar e parou no meio do peito de Verônica. Perfeita. Poética. A dor que sentia era a mesma que sentiu o dia todo. Era uma dor perfurante e insistente, era uma dor de aviso, uma dor de facada. Voltava de hora em hora para que Verônica se alertasse do que estava fazendo. Ignorada, porém. Ela nunca teve medo de nada.

Enquanto sua visão se turvava e sua mente se dissociava de toda a realidade ao alcance de seus olhos, Verônica pensou em como essa cena é lindamente trágica e tragicamente linda. Stella adoraria assistir esse filme.

O Divórcio Adiado

Heverson Gabriel

Joaquim sabia que não amava mais Marisa. Os dias passaram com olhares distantes e silêncios incômodos. À noite, na cama, a frieza entre eles nunca se dissipava. Eles se tornaram estranhos. Pararam de se tocar, seja com palavras ou gestos. E, no entanto, lá está ele, resistindo ao divórcio como um mártir condenado à prisão perpétua.

Seu corpo ansiava por ser livre. Seu coração, há muito fechado para Marisa, batia por outra pessoa. Além daquelas paredes sufocantes, não havia outro rosto, apenas uma ideia, a promessa de felicidade. Quando Joaquim imaginava a vida sem Marisa, sentia-se relaxado e sem compromisso. Mas então as crianças vieram. A culpa o dominou enquanto observava as crianças brincando no tapete da sala.

Aquele que antes desprezava a hipocrisia, agora se tornou o maior hipócrita. Ele continuou casado por causa dos filhos, ou pelo menos foi o que disse a si mesmo. Mas, no fundo, tinha mais medo dos olhares de desaprovação dos vizinhos, dos pais e até da sogra. Todos viram nele um traidor, um homem egoísta que arruinou uma família por pura covardia.

Naquela noite, enquanto Marisa preparava o jantar em silêncio, Joaquim a observou longamente. Ela não era mais a mulher que ele amou. O tempo, a rotina e a dor acumulada transformaram aquela mulher vibrante numa mulher cansada e de olhos vidrados. Ainda assim, ele não conseguia falar. Não poderia dizer a ela que tudo era um fardo. Que sonhava com a liberdade. Ela provavelmente já sabia. As mulheres sempre sabem.

As crianças estavam sentadas à mesa, conversando e rindo de assuntos triviais. Foi um raro momento de verdadeira alegria naquela casa. Quando Joaquim os viu, sorriu por um momento. Foi nesse momento que

ele percebeu a verdade que vinha evitando: ele não estava se contendo por amor aos filhos, mas por medo. Medo de enfrentar a vida fora do papel de pai dedicado. Medo do julgamento. Medo da liberdade e da infelicidade.

Quando Marisa colocou o prato diante dele, ele olhou para ela por um momento, tentando encontrar um sinal de afeto. Mas além disso não havia nada. Ela sabe. Ele sabe. No entanto, o jantar continua...

Maria das Dores

Cyntia Pinheiro

Naquele quefazer de fim de mundo, onde o chão de farinha fofa se despegava no vapor, colando nas gentes embuídas das labutas de precisão, eis que Maria das Dores, uma das sete resididas na Vila dos Meninos, se enfadou da esticação dos tecidos no cordão. O serviço era por demais infrutuoso, na pulverulência do sertão. Estava na danação dos sucumbidos pela renitência, carecendo de algum abstraimento para seus ânimos. Foi no atual que sucedeu, feito um júbilo impremeditável, de Das Dores avistar, no arredado, algo favorável ao seu dia.

Vinham de lá, sacudindo uns palhacinhos de cabeça de plástico, dentro de uns cones de papelão, molecotes de canela emporcalhada à frente cortejo circense, numa afobação de estripulia, trazendo elásticos verdes a meio buço e como se a vida lhes fizesse cócegas, oferecendo por bagatela o brinquedo e as alegrias chutadas para todo canto, dilatando o pó já por demais esparramado.

Maria, por detrás da cerca de arame farpado, avistou no panorama, ali bem confinante aos travessos, uma jamanta a trafegar na vereda, anuindo o abeiramento de um circo, precedida de uns apeteceíveis malabaristas a equilibrar claves, pratos em varas longas e a faiscar facões na decepação do vento. A voz roufenha de algum destinador, desembestada num altifalante, indiciava a locução dos turnos das fascinações.

No postimeiro da caravana, uns palhaços empoeirados e meio tristes, caminhavam em ritmo fúnebre, buscando um empenho na simulação da alegria, endereçando beijos e acenos aos escassos moradores da vila. Um palhaço, desses sem disposição de palavra, içou em Maria, da boca do estômago, um riso de franqueza.

No primeiro divertimento da noite, encontrou-se Maria das Dores, numa ambiência de ardil. Pois a vista lhe apostolava no ensejo de possuir a aptidão do giro frenético e astigmático da moça de colant prateado. Viu-se inserida num sonhar. Achou-se no mundo, no desejo acachapante de desvencilhar-se da secura de uma vida sem conseguimentos. Não queria mais lençóis amarelados de pó, queria a liberdade de pássaro a enfeitar as vistas no magnetismo do brilho. Sua vida era por demais embaciada, era hora de ver vantagem na impermanência.

Maria encantou-se soberbamente e se exilou no poscênio, avultado de figuras tingidas nos couros das caras e envelopadas de cetim exuberante. Das Dores se ornaria para sempre de plumas. Esquivou-se daquele ordinário de peleja e se agrupou no frenesi de muitas estradas pulverosas, sem a melancolia dos hesitantes.

Era agora, nesse desassossego da fuga, a alma mais apaziguada pela antelação acertada. Na sua fundura nadou o palhaço desprovido da verba. E se fizeram, um ao outro, um bem danado.

Desengavetar

Mell Oliva

Onde a madeira envelhecia, rangendo segredos aos silêncios de um quarto, ali, arrastadas pelo tempo, palavras despejadas sobre uma superfície enrugada carregavam intensidade, um resquício de liberdade utópica.

“Somos mais que tinta”, murmurou a primeira letra, vagando pelo universo de madeira e poeira. “Fomos criadas para dançar nos lábios, embrulhar estômagos e vibrar corações.” A classe de palavras, aprisionada entre as margens e os abismos dos parágrafos, inquietava-se. 1ª, 2ª e 3ª pessoas reviravam-se, descontentes. Os adjetivos se juntaram ao manifesto e, finalmente, rasgaram as pautas.

Assim, feito suspiro longo carregando melancolia oculta, o texto começou a se mover. Palavras, uma a uma, desprenderam-se do papel, cursivas formas flutuando no ar, desenhando histórias na poeira suspensa. Letras e sílabas fluíram em harmonia, compondo uma sinfonia muda de gritos estridentes.

Livres de suas amarras, partiram em busca de refúgio. O quarto, outrora quieto, tornava-se um palco invisível para um espetáculo único. E foi então que, deslizando suavemente, elas encontraram uma menina. Sua falsa quietude cobria a curiosidade, igualmente inconformada. A primeira letra dançou diante de seus olhos; o seu olhar surpreso fez as sílabas gargalharem em sua presença, e o som reverberou pelo ambiente. Era como se o próprio Tempo tivesse parado para ouvir.

Determinante encontro. As palavras, antes desprezadas, fizeram da menina morada. E ela passou a escutar, com alegria, o vento trazer poesia. Declamar tornou-se seu ofício natural, e, por onde quer que ela vá, as palavras escapam junto. Cada ouvinte também se torna uma nova morada; cada mente que as absorve, um novo palco.

A gaveta, agora vazia, permanecia como um lembrete da transformação que ocorrera. A madeira ainda rangia, mas agora seu som ecoava diferente, como se cada fresta estivesse viva com a memória da fuga das Palavras.

No fim, a Palavra é quem encontra o Poeta.

Prateleiras da dor

Maria Alice

Tissila passava todos os dias da sua vida solitária em sua casinha de palafitas, uma construção herdada pelos pais que morreram em um assalto em sua infância. Depois desse acontecimento, todas as suas lembranças do dia se apagavam durante a noite. Ela acorda como uma criança até se dar conta do tempo que passou ao ler suas anotações de orientação do tempo e um breve resumo da sua vida.

A construção, já meio podre feita de tábuas sobre as águas de um canal qualquer, é seu refúgio do mundo hostil. Ela nunca saía para fora, a sua sobrevivência dependia do seu chefe, que a visitava brevemente com mantimentos toda semana em troca do seu trabalho. A garota escutava de manhã até o anoitecer ligações de desconhecidos sem nome, ela adentrava nessas histórias anônimas como quem precisava daquelas vozes para existir. Todas as vozes reclamavam dos terrores do mundo e, assim, Tissila foi se fechando cada vez mais; ela evitava sair, tinha medo de se machucar, de ter inimigos, de cair do cavalo, de ter um bicho de pé, de pegar gripe de uma criança, de um corte químico no cabelo, de ficar bêbada até parar no hospital, de ser agredida na rua, e o pior de todos... de ter o coração partido. A maioria das ligações eram para falar do amor e como dói ser traído, de ser iludido, de amores impossíveis... infinitas possibilidades de sofrimento por um único motivo e ela mapeava todas em seus cadernos. Tissila tinha uma biblioteca de sofrimentos, em ordem alfabética, guardados de A à Z em uma de suas estantes. Guardava-os como se cada dor tivesse sido sua. A pobre garota não compreendia como buscavam tanto o amor, aquele sentimento que preenchia uma estante só para ele.

No tempo vago entre uma ligação e outra, seu tempo ficava preso nas fotografias da parede. Desde muito nova, guardava as recordações de

um álbum velho emoldurado às suas vistas. Nenhuma daquelas almas ela conheceu de verdade, mas tem histórias, todas inventadas por ela. É um prazer que Tissila nutria em ter em suas mãos a história da sua família e amigos que nunca existiram de verdade. Todas as vezes que seu chefe chegava para uma visita, ele contava para ela quem eram aquelas pessoas. Ela acreditava por um dia, até sua memória ser apagada na noite seguinte. Ao ser escutada por ele, contando as ligações que recebeu naquele dia, Tissila foi se apaixonando, um amor secreto como aqueles de uma prateleira, mas ela nunca contaria, pois contar desencadeia vários tipos de sofrimento. Ela acreditava que não há perigo no que não se deixa ser externo.

Menti quando disse que Tissila nunca saiu. Mas esse dia foi decisivo para ela entender que não valia a pena nada além daquele álbum para a sua vida. Assim que pisou os pés no chão já foi atormentada pelo frio, percebeu como era perigoso ficar doente, deu vontade de dar meia volta, mas andou mais um pouco e foi abordada por um homem que insistia em querer tocá-la no ponto de ônibus. Um policial viu seu incômodo e, quando se aproximou, o homem sumiu entre prédios. Tissila se convenceu quando correu assustada e algumas pessoas a olhavam rindo. A humilhação doía, e o medo do que poderia ter acontecido doía mais que tudo. Só respirou em sua casa quando se sentou em frente ao velho piano para tocar, mas também foi naquele dia que decidiu não o tocar mais, ela não queria estragar o piano que balançava a estrutura da casa quando tocado com tanto sentimento guardado.

Tissila passou seus dias assim, entre ligações e as lembranças das fotografias da sua tia Tônia sorrindo em um casamento, a gatinha Poliana dormindo, seus primos Léo e Adriale brincando. Em seu aniversário de 67 anos, Tissila passeava pela sala, e percebeu que o piano estava silencioso, como as ligações que pararam depois da morte do seu chefe há uma semana. A poeira se acumulou tanto que suas teclas parecem cobertas por uma fina camada cinzenta. Ela se aproximou e, com um toque hesitante,

pressionou uma tecla. O som saiu desafinado e sem vida, um eco triste do que um dia criou belas músicas. A madeira perdeu seu brilho, o próprio instrumento parecia ter desistido de viver. Seu coração doía e, ao perceber isso, Tissila se afastou. Lágrimas escorriam e caíam entre as tábuas, misturando-se com a água que corria a uma pequena distância abaixo dos seus pés. Ela escutou o barulho do vento que fez toda a estrutura da casa ranger, não é apenas ela que envelheceu, tudo ao seu redor percorreu seu destino sem o seu consentimento. Com dificuldade, Tissila foi para a cama, não sabia o que fazer agora que os mantimentos estavam acabando sem o seu chefe para socorrê-la. Mas o piano pareceu dizer, em tom grave e desafinado, ainda que ela o tenha deixado de lado, que sua fome precisava ser saciada no dia seguinte, e que ela precisava sair para fora. Mas ela fechou os olhos para o dia seguinte, e o dia seguinte não chegou. Tissila acordou assustada com o barulho e movimentos que sacudiram tudo. Quando colocou os pés no chão, descobriu que a água ia até suas canelas. A casa estava afundando com ela. Atordoada como se estivesse em um sonho ruim, ela correu tentando salvar os seus cadernos que estavam próximos demais da água, alguns já estavam boiando, tudo parecia uma alucinação. Um estrondo e uma dor forte atingiram seu corpo, a estante desabou em cima dela. A estante do amor, ela lembrou-se por um segundo. Sua força já não era suficiente para sustentar o peso que prendia as suas pernas. Ela gritou, um grito abafado pelo barulho da chuva que caía lá fora. Apesar do temporal, tudo lá fora parecia mais seguro que sua casa. Tissila deu um último grito e suas lágrimas, mais uma vez, se misturaram com as águas. Sua visão turva teve como despedida os retratos da parede sendo desbotados, as lembranças desaparecendo com sua memória e sua vida.

Dessa vez, sua respiração parou sozinha e afogada, não foi capaz de imaginar o que aconteceria, nenhuma ligação para dizer como é que a morte vinha.

Um silêncio para Zeca

Lucas Monteiro

No sertão do norte de Minas vivia Zeca Ribeiro, um homem trabalhador de pés calejados. Era um homem simples, de fala arrastada e jeito reservado, com pouco que o distraísse além da lida na roça e das longas caminhadas sob o sol. A vida de Zeca era tranquila, mas também solitária. Morava em uma pequena casa, cercada pelo solo árido e poucas árvores retorcidas pela seca. Seu companheiro mais fiel era um burro marrom chamado Valente, um animal de olhar preguiçoso e orelhas sempre alertas.

Zeca passava seus dias conversando com Valente, desabafando suas angústias, rindo de suas próprias piadas e, muitas vezes, discutindo questões da vida. Aquela solidão, que a princípio não parecia incomodar, aos poucos começou a pesar em seus ombros, especialmente nas noites mais longas. O vento uivava entre as frestas da janela, e o silêncio parecia engolir o sertanejo. Foi aí que algo estranho começou a acontecer.

Certa tarde, enquanto levava Valente até a beira de um poço raso para beber água, Zeca ouviu uma voz grave, rouca e muito próxima:

— Cê não tá fazendo isso direito, Zeca.

O sertanejo parou imediatamente, com os olhos arregalados. Olhou ao redor, mas não havia ninguém. O campo estava deserto como sempre. Com o coração acelerado, ele voltou o olhar para o burro, que o observava com sua calma habitual.

— O quê? Quem falou isso?

— Eu — a voz respondeu novamente, vinda da direção de Valente.

Zeca deu um pulo para trás, quase tropeçando nas próprias botas. O burro continuava ali, parado, com seu focinho úmido e as orelhas incli-

nadas. Parecia uma cena comum, exceto pelo fato de que o animal possivelmente tinha falado.

— Valente? Cê tá falando comigo, bicho? — Indagou Zeca.
— E cê acha que eu sou mudo, é? — Respondeu o burro, mexendo os lábios grossos. — Faz tempo que cê não me escuta direito, homem.

Zeca coçou a cabeça, atônito. Deveria estar louco. Mas a voz era clara, e Valente o encarava com aquela serenidade habitual, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Nos dias que se seguiram, a comunicação entre Zeca e Valente ficou mais frequente. O burro dava conselhos sobre a plantação, reclamava da ração, falava sobre o calor e até contava histórias antigas que, segundo ele, havia escutado dos velhos peões que cruzavam aquelas terras. Para o sertanejo, o animal se tornara o melhor amigo que poderia ter, alguém com quem podia dividir suas frustrações e inquietações. A solidão parecia ter se dissipado com aquelas conversas.

No entanto, os vizinhos que viviam a alguns quilômetros de distância começaram a notar a mudança em Zeca. Ele falava sozinho, gesticulava para o vento, ria em momentos inesperados. Certa vez, durante a feira em uma cidade próxima, Zeca comentou com um conhecido sobre o burro falante:

— O Valente me disse outro dia que essa seca vai durar mais uns meses... É melhor plantar mandioca em vez de feijão.

O homem riu, achando que era brincadeira, mas quando percebeu o olhar sério de Zeca, desconversou e saiu de fininho.

A história se espalhou pela redondeza, e logo começaram a achar que o pobre sertanejo estava perdendo o juízo. Mas Zeca não se importava. Para ele, o burro falante era a verdade mais concreta de sua vida. Até que, em uma manhã quente, um viajante, que seguia pela estrada de terra rumo ao sul, passou por sua casa e lhe pediu um copo d'água. Zeca o recebeu com

hospitalidade e, enquanto conversavam, Valente pastava ao lado, balançando o rabo despreocupadamente.

— Bonito burro, esse aí — comentou o viajante.

Zeca sorriu, orgulhoso.

— Mais do que bonito, ele é inteligente. Sabe até conversar.

O homem olhou rindo para Zeca e depois para o burro.

— Quer ver? — Zeca virou-se para Valente. — Fala com o moço aqui, Valente, diz pra ele como vai ser o tempo amanhã.

O burro apenas o olhou com seus olhos escuros e não fez som algum. O viajante riu nervoso.

Zeca insistiu, chamando o burro, mas nada aconteceu. Valente continuou quieto, mastigando a grama seca sem qualquer sinal de inteligência. O viajante se despediu rapidamente, achando que o pobre homem era um louco.

Naquela tarde, Zeca sentiu um desconforto que há muito não sentia: uma solidão esmagadora. Ele voltou a falar com Valente, mas o burro parecia apenas um animal comum, indiferente ao que Zeca dizia. As vozes que ele tanto acreditava ouvir não se manifestaram mais.

Com o tempo, Zeca passou a questionar a própria sanidade. Será que tudo não passara de uma alucinação causada pela solidão? Ele se lembrou das histórias de seu avô, que falava sobre os perigos de se viver isolado por tanto tempo, das imaginações e o que a falta de contato com gente podia trazer à mente. Talvez, pensou Zeca, o burro nunca tivesse falado coisa alguma. Talvez o vazio e a tristeza de estar sempre sozinho o tivessem feito acreditar no impossível.

Zeca passou a duvidar da própria sanidade. A cada dia que passava, sentia que algo dentro de si se desmoronava cada vez mais. Tentava esquecer, mas a ideia de que algo havia ocorrido o impedia de viver em paz. Não

era possível que ele tivesse imaginado aquilo tudo.

— “O burro falou”, repetia para si mesmo, na tentativa desesperada de trazer sentido à confusão em sua mente.

Zeca não conseguia mais viver com aquela dúvida, com a ideia de que estava perdendo a razão. A cada dia que passava a pressão da dúvida começou a consumi-lo. Ele evitava os poucos amigos que ainda o procuravam, recusava a aceitar que o que acreditava ter ouvido não passava de uma alucinação.

Numa noite de brisa quase fresca, quando o silêncio parecia mais pesado que nunca, Zeca tomou uma decisão: foi até o velho curral onde se encontrava Valente. Olhou nos olhos do burro, esperando, talvez, que naquela última tentativa o animal dissesse algo, qualquer coisa. Mas o burro apenas respirou devagar, alheio à agonia de seu dono. Zeca suspirou, com a mão trêmula segurando uma corda grossa.

— Se você não falar comigo agora, eu mm... — tremulou, com a voz embargada. Silêncio.

O dono do burro fez um laço e jogou a corda sobre uma ripa de madeira grossa no telhado do curral. Com o coração apertado, subiu em um tamborete, colocando o laço em volta do pescoço. No silêncio daquela noite, Zeca olhou para Valente uma última vez, e com um empurrão rápido, derrubou o tamborete.

Nos últimos instantes, enquanto tudo escurecia e a imagem do burro sumia de suas vistas, Zeca ouviu um som inesperado. Era um lamento vindo de Valente. O som atravessou o silêncio pesado da noite. Em um lampejo de consciência, seu coração acelerou, e uma vontade inesperada de viver o invadiu. Suas mãos, instintivamente, buscaram o laço ao redor de seu pescoço, lutando contra o peso que o arrastava para o fim.

Apesar do impulso repentino de lutar pela vida, os dedos de Zeca estavam fracos, a visão embaçada, e o ar lhe faltava cada vez mais. A su-

posta voz de Valente ecoava em sua mente, mas seu corpo já não respondia como antes. O desespero que havia brotado se dissipava junto com suas forças. Aos poucos, sua consciência se apagava, como um pequeno palito consumido pelo fogo. Seus dedos soltaram o laço, e seu corpo, agora inerte, balançava suavemente no silêncio da noite. O último som que Zeca ouviu foi o resmungo de Valente, antes de tudo se tornar total escuridão.

E se o burro tivesse falado?

Seria a mente de Zeca lhe pregando uma peça, uma força oculta ou mística se apoderando do animal, ou o burro realmente tivesse interagido com o sertanejo? Antes que pudesse encontrar uma resposta, tudo havia se desvanecido em um silêncio profundo, deixando para trás a dúvida inquietante que jamais seria resolvida.

Mas, e se por um acaso, o burro realmente tivesse falado?

Sortilégio

Jéssica Hayeska

Há de se pensar no que faz sentido, no que, de acordo com a convenção social, se configura em certo ou errado. Tormento, sonhos, pensamentos capciosos que povoam a cabeça fértil dos jovens e dos não jovens também... um embate incessante de Eros e Logos. Nada parece tão óbvio, até que seja dito. Mas a angústia mora no silêncio. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos.

Calíope era uma jornalista experiente, ativista, olhos cor de tabaco de havana, cabelo curto estilo french bob e de pele quase translúcida. Casada com um político sanguessuga, corrupto, pérfido e um verdadeiro filógino, suas características físicas eram irrelevantes, de longe era um homem mal-apessoado. Havia rumores de que era um casamento infeliz, pelo menos Jô torcia para que fosse, aliás, metade da população do Rio de Janeiro. Jô era apenas um Joaquim da Silva, alto, magro, pele cor de café expresso, era moço e trabalhava como assistente da diretora de redação do Jornal Echo das Damas. Antonieta, a diretora, de um ar imperioso, era ameríndia, tinha um olhar cravejado e de pálpebras caídas. Outrora, Joaquim tinha tido conversas com Cal, passavam horas no café ao lado do jornal. Ela contava suas aspirações e opiniões sobre a sociedade falocêntrica, ele era quase que catequizado, se não fosse atento apenas àqueles olhos amendoados, aos brincos de pérolas e no caminho que as mãos dela percorriam ao colocar os cabelos atrás da orelha até o movimento que ela fazia com os dedos ao levar o cigarro à sua boca cor de jambo. Jô nutria um amor platônico e socialmente impossível. Ela era uma mulher muito centrada e segura de si, ninguém entendia o porquê ainda permanecia em um casamento com um homem tão tirano, as especulações giravam em torno do fato de se tratar de um político poderoso.

— Ei, Jô, acorda! Sonhando com o que, rapaz? Preciso que peça a Calíope que reveja estas matérias — diz Antonieta, colocando alguns papéis sobre a mesa.

— Desculpe! Claro — respondeu Jô, deixando transparecer uma sombra de felicidade. A jornalista estava à janela, o olhar semoto, passava levemente a mão pelo pescoço, na vitrola tocava Chiquinha Gonzaga.

— Cal, a diretora pediu para que eu te...

— Já sei, pode deixar aí que verei depois — a voz da jornalista era gélida, até mais que o inverno do Rio.

— O que aconteceu? — Jô perguntou, surpreso.

— Nada, só estou de cabeça cheia. Diga a sua chefe que se houver alguma objeção ao meu trabalho, que a faça pessoalmente, e que não o trate de pombo-correio. O garoto nada ouvia, enxergava somente as minúcias do corset de Calíope. Foi despertado com o som dos passos firmes de Antonieta. A diretora fez um sinal para que Jô saísse e fechasse a porta. Assim fez, mas, por alguma razão, apenas encostou de modo que ainda era possível ouvir o que era dito ali. Ele ficou rente à porta e pela fresta, observava as movimentações na sala. As duas falavam quase que de modo inaudível; Calíope de maneira impositiva gesticulava e a diretora parecia por um momento estar intimidada. Sentaram-se uma de frente para outra, os olhos gritavam, todas as palavras recolheram-se ao coração, Gonzaga ainda tocava na vitrola, *Lua branca* parecia a trilha sonora de um filme confuso. Cal levantou-se e prostrou-se à janela, fazia movimentos circulares com o anel do dedo anelar da mão esquerda, a diretora aproximou-se de Calíope e disse ao seu ouvido: — Persiste na moral em que persistes. Ah! Quanto eu sofreria se pecasses, mas quanto sofro mais porque resistes!

De repente, estavam face a face. Joaquim assistia uma cena de um espetáculo inédito, ingênuo, não sabia o que pensar, ou talvez não quisesse. O rapaz foi tirado dos pensamentos longínquos, sem que percebesse que

o marido de Calíope estava à porta. Numa fração de segundos o clímax instaurou-se, o homem sacou uma arma, Cal, atingida no peito, caiu nos braços de Antonieta. Jô outra vez perdia-se em devaneio.

Confiança

Jéssica Hayeska

Devo dizer que não sou um bom contador de histórias. Bom observador, talvez. Nesses devaneios que me ocorrem casualmente, lembrei-me de que a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Pouco sei da psicologia para explicar a nossa necessidade cognitiva de categorizar. Mas penso que essas disparidades existentes entre nós mesmos e os outros, em certa medida, é essencial para que vejamos o nosso tamanho. Tenho muitas dúvidas acerca do que nos difere, porque tento entender o que nos une. Certa vez, pude presenciar uma situação que me levou a classificar pessoas. Neste caso, existem as atentas e as desatentas.

Ela adormecia dentro da casa esquisita, eu nunca entendi como alguém ousaria morar ali. Uma casa que havia apenas uma porta de vidro que mais parecia o muro de Berlim. Havia burburinhos de que era Nárnia. De um pulo só saltou da cama, alguém batia incessantemente na porta, barulhos estrondosos. Mas quem seria tão audacioso? Caminhou até a porta, de longe reconheceu aquele rosto e não acreditou. Do outro lado, ele esbravejava para que ela abrisse. Ela nada ouvia, fez gestos a ele de que não compreendia o porquê daquilo. Ele parou, levou a mão lentamente ao bolso da calça, como se quisesse se certificar de algo. Gritou agonizado: — Eu a perdi!

Havia somente uma chave daquela casa, e que agora se perdia no abismo. Ele, incrédulo, tentou a todo custo derrubar a porta, mesmo sabendo que seria em vão. Ela tinha um olhar de arrependimento, lástima. Confiara algo tão importante a alguém distraído. Não era, pois, uma distração qualquer, mas qualquer coisa que fugia do zelo das coisas da razão. Da emoção, sabia que não poderia cuidar, inconstante, a torto e a direito. Eram agora duas incógnitas, uma, porém, condenada prisioneira.

Fúria em Alcantil

Isaac Veloso

Os pés de Ícaro adormeceram. Em uma tentativa banal e pouco acurada, tentava levantar-se em dedos e unhas, erguendo a branquidão de sua esclerótica, de onde se via uma íris cor de Marte. A sua pupila circular direcionava-se ao desprezível embaçado de uma janela minúscula e empoeirada, sentia o cheiro de um ar impuro e desumano, ainda que o marasmo de sua existência tivesse gosto de alho e ferrugem. Quando via, via pouco. De ponto em ponta, os pés inchavam, tendões e articulações clamavam, tudo doía e de tudo tentava. Ícaro, preso na pequenez de sua estrutura óssea, sentia-se ordinário e piscava desenfreadamente, buscando solução para o terror galáctico de seus devaneios menos esperançosos. Por fim, aceitava a fraqueza de seus desejos e impedia-se de pensar coisas boas, trançava cílios e cerrava os olhos, empedrando seu rosto cabeludo de salgadas lágrimas secas.

Não gostava de ir lá fora. Sentia-se entupido, sem ar. As cercas e os arames farpados enfeitavam um muro alto, vermelho como sangue, sujo por terra. Seu confinamento? Um segredo umbrífero e suicida. Evitava pensar sobre si e, quando pensava, impedia-se de temperar o que havia feito. Agora, habitado de um nada ensurdecador, via-se como peça de xadrez e gostava de imaginar-se em contos eróticos, filmes de ação ou comédias dramáticas, seu ídolo era o Spike Lee. Por ser quieto, esguio e manco, não sofria na mão de outros, fincados e gigantescos, tão estúpidos quanto ele. Ícaro observava, era tudo que podia fazer. Olhava para a direita de seu ombro redondo, via um tanque elevado e uma escada caracol, um céu azul e o adorno de um sol vibrante, nuvens espalhadas. Era dia de visita? Hoje é domingo? Por que todos estão sorrindo? Ícaro pouco fala, mas é entorpecido por uma mente solitária.

Ele morava em Alcantil, um presídio rodeado por postes de iluminação e paredes robustas. O lugar era feio e desajeitado, sem qualquer ornamento e nunca anoitecia. O metaleiro da cela ao lado cantava como um ganso mal-encarado e uma serenata lunar acontecia aos berros de loucos, roncões de porcos e no ecoar de uma ventania gélida, verdadeiramente apática. Às vezes, desenhava narrativas na parede imunda ao lado de sua cama e sentia-se sortudo por ser mentalmente instável, tornando-se uma ameaça para possíveis colegas de cela. Ele pensava sobre mulheres, altas e baixas, magras e gordas, também gostava das peitudas. Na escola, até o fim do ensino médio, namorou a doce e dissimulada Cíntia. O término? Veio com a repercussão de uma vida dupla e o maxilar marcado de Roberto, com quem Ícaro se encontrava em uma casa abandonada na saída da cidade. Ele queria ter ficado com os dois, ainda que não acreditasse no amor ou nessas baboseiras utópicas de alma gêmea.

Uma sinfonia primitiva pairava sob a véspera de Natal, o melhor dia do ano para Ícaro. Pela manhã, muitos presos em regime semiaberto acordaram antes do sinal e foram enfileirados no corredor estreito, marcado por uma escuridão vivaz, próximo a camarinha dos ratos. Esse pavilhão, apesar do mal estado de suas grades, começou a ser iluminado por frestas de luzes ao amanhecer. Os pequenos buracos na parede, as janelas encaixadas e as rachaduras, os pedaços de espelho, marcas de suor e um filhote de barata dava passos lentos em direção ao irrelevante. Era um evento atípico, quase bonito e pouco cheiroso, refletindo o amarelado de um novo dia em cada uma daquelas gaiolas ensebadas, sufocantes e rudimentares. Foi quando, no meio de uma gritaria fulminante e precisa, no auge dos 22 anos de sua vida atrasada, que Ícaro ouviu um barulho estridente e familiar.

Ao olhar para frente, escutou burburinhos e o zumbido de uma mosca esverdeada que sambava na lâmpada central. Logo, sentiu-se indisposto por acordar mais cedo do que deveria e abriu as páginas de um livro mofado que guardava na parte baixa de seu beliche de concreto. Era uma

coletânea com noventa contos psicológicos e, naquele instante, iniciava *O Outro* de Jorge Luis Borges. O vizinho metalheiro de Ícaro havia sido temporariamente liberado e se perfumava com colônia de tangerina, espalhando o líquido por todo o seu cabelo cacheado e volumoso. “Feliz Natal, Ícaro”, disse o homem de preto. Passou-se entre dois e quarenta minutos, a manhã oscilava e Ícaro permanecia em silêncio. Quando, ao lambar o indicador e mover a página com cuidado, foi atravessado por um barulho de apito estridente e ameaçador. Era Juscelino, o mais coringa entre os policiais da penitenciária.

Os lábios de Juscelino eram como um cinzeiro ambulante, berrava e pitava como uma descarga de caminhão. O velho prosa ruim dava ordens e marchava, sua petulância e sangue azul transbordavam de tanto mandonismo. Ele usava uma farda degradê em diversos tons de verde, o desgaste e manchas de água sanitária transmitiam sua aura mal-feitosa. Um cacete, uma pistola calibre 40, algemas de aço e pastilhas para gastrite o protegiam de sua própria exuberância. Juscelino vociferava sua palavra favorita e, com o magnetismo de um encanto autoritário, todos obedeciam. “Ordem!”, os sentidos eram coreografados com o substantivo que silenciava, as cabeças se abaixavam e os ombros eram erguidos para trás. Ícaro odiava Juscelino, mas o respeitava. Ainda que os outros presos não sentissem respeito, sentiam medo. Para Juscelino, uma cartela de Marlboro por dia e o controle de seus súditos bastavam.

“Você tem companhia”, disse Juscelino na performance do seu pom-de-adão. Ele arregaçou as mangas em busca do seu molho de chaves e o tintilar da liberdade enfeitava o cóis de sua calça imodesta. Abriu as grades, olhou para Ícaro, que demonstrava insegurança, e, com a doce estupidez de seu punho, jogou Abimael. Naquele instante, Ícaro pouco entendia e continuou sem entender por bastante tempo. Os homens no corredor iam se distanciando, o cabelo do metalheiro mal-encarado já havia se perdido na correnteza, o tic-tac de um relógio de ponteiro, o fim de um conto do

Borges. Ícaro, confuso de si e de seu novo companheiro, olhou ao chão e se deparou com a imagem de uma criatura intrigante, reparou as unhas pintadas de preto e em braços rugosos de cicatrizes. O cabelo também chamava atenção, era curto e espetado, combinando com o desenho de coração partido em sua nuca.

Abimael, envergonhado de si mesmo, demorou alguns minutos para se levantar. Olhou para sua sombra no cimento batido, sentindo-se menor que as formigas enfileiradas na direção de um penico engordurado na parede. “Você se acostuma!”, ouviu a voz de Ícaro e ergueu-se no tremor de joelhos encardidos. O cubículo que agora chamaria de casa era, de maneira surpreendente, muito bem organizado. Na cama de baixo, havia livros, vários livros, um tênis de corrida puído, um saco plástico com poucas peças de roupa e um rosário de pérolas falsas pendurado em uma fita adesiva cor marrom. Ícaro pulou do segundo andar e rapidamente começou a juntar seus objetos, ainda incomodado com o fato de não estar mais sozinho. “Por que ele está aqui? Não tinham outra cela? Querem me punir por alguma coisa?”, pensou e, enquanto especulava, revirava os olhos no ritmo da fúria.

O começo de tudo foi estranho, Abimael quase não se movia, era como se não estivesse ali. Ele olhava para todos os novos vagabundos com um enraivecimento tênue, ardente e suas narinas zumbavam de ansiedade. Aos poucos, outras celas cresciam e novos encarcerados chegavam. Abimael não era inocente, tampouco sabia o significado da palavra honestidade. Havia roubado e matado, era corajoso e tinha feito de tudo nessa vida, se achava melhor e mais inteligente que todo mundo. Era meio menino, ainda que Ícaro o visse como homem por ter braços musculosos e tatuagens ridículas por todo o corpo. A verdade é que eles passaram dois dias, cinco horas, 15 minutos e 30 segundos sem conversar um com o outro, o que trazia certo conforto ao âmago retraído de ambos. Abimael era meio bicho do mato, escutava e não falava. O motivo de seu silêncio? Teve

a língua arrancada!

“Você é surdo?”, perguntou Ícaro. Abimael, meio sem jeito, fez que não. Ícaro, não satisfeito com a resposta, cutucou o ombro de seu colega. “Você não fala?”, tentou mais uma vez. Abimael, em um ato repentino e impulsivo, deixou-se levar pela impaciência estafante da curiosidade alheia e abriu a boca de uma vez. Ícaro, em um salto estouvado para trás, arrepiou-se de medo e arregalou os olhos, não podia acreditar no que estava vendo. Era oco! Transbordando de tanta pena e horror, olhou para o nada daquela cavidade bucal murada por grandes dentes brancos. O silêncio de Abimael era forçado, mas ele tentava. Ele lutava para articular sons, transformando sua fala em um gemido sem miolo, murmurando um som abafado. O seu rosto era bonito, mas parecia sempre tensionado e o trauma que lhe causaram havia revelado uma expressão facial crua e hesitante, sua textura era áspera. Agora, seu olhar refletia o corte da carne e um acúmulo desajeitado de saliva.

Logo, tornaram-se amigos e, com o tempo, Ícaro se acostumou com a presença antes indesejada. Passaram a jogar pife todos os dias, também gostavam de damas e dominó. Alcantil era meio irregular e Juscelino sempre dava um jeito de piorar tudo, mas o banho de sol tornou-se menos desagradável. De longe se via e todo mundo já sabia, Ícaro e Abimael assentados no meio-fio sem trocar uma só palavra. Parecia algo bom e realmente era, a penumbra de um e o focinho do outro. A diferença de idade pouco importava, mas a esquisitice de Ícaro era contemplada pela quietude inerente aos trejeitos de Abimael. “Foi estropiado! A língua destroncou na mão”, cochichavam os detentos em telefone sem fio. As mãos gigantes, o cotoco confidencial e os olhos pintados de rouge, grandes unhas em espiral. Abimael era animalesco e assimétrico, afastando todos os espectadores que se mordiam pelo motivo e descrição solene de sua desgraça.

Nada sabiam sobre ele, nem mesmo Ícaro o poderia desvendar. Era uma relação atípica e sossegada, o que para ele bastava. Certo dia, contudo,

domado por um interesse incontrolável, vasculhou a pequena mala de mão que Abimael usava de travesseiro. Encontrou banalidades e uma fotografia amassada, uma praça de redondeza urbana dominava toda a imagem. Olhou com cuidado e, depois de alguns minutos, olhou de novo. Quando, em cima de um baobá ressecado de calor, encontrou o sorriso de Abimael contornado por um cabelo esvoaçante. Não parecia a mesma pessoa, parecia feliz. A margem do cabelo emoldurava um rosto sardento, jovem e saudável. O tórax despido era másculo e quadriculado, não havia marcas de facada ou traços esverdeados pelo tempo. O que terá acontecido com Abimael? Ícaro, distraído por um fascínio vertiginoso, foi abduzido pela imagem do homem com quem passava todas as noites.

Deu-se o tempo de sua volta. Abimael, molhado pela frigidez de um banho espanta-espírito, pisou na cela em que Ícaro retumbava de um sono profundo. Em sua mão, a foto. Abimael, revoltado com a diligência de seu rosto descoberto, foi tombado pela imperfeição de seu coração rechaçado e no pranto embargado de seus olhos turvos lamentou. Ele sabia e doía por saber, nunca mais seria o mesmo. Havia esperança e, no centro de sua aurora pincelada, havia trevas também. Sentiu-se despido e também ridicularizado, teve uma vida sofrida e ostentava essa tristeza na expressão de uma olheira cinzenta. Para Abimael, tudo era inventado e nada fazia sentido. Ele lembrou de quando não pensava antes de sorrir e do som de sua antiga gargalhada, no lapso de sua memória sentia o gosto de cerveja preta, pipoca e caramelo salgado, as tardes de domingo em que assistia filmes do Alain Delon.

O metaleiro uivava uma canção psicodélica e de longe se ouvia o apito de Juscelino. A noite acontecia e alguns columbídeos voavam alinhados, pousavam um por um e fechavam os olhos sucessivamente. O seio do presídio era composto por barras de ferro e telhas de amianto esburacadas, chovia lá fora e gotejava lá dentro. No estrondo de um trovão luminoso, Ícaro abriu os olhos e se deparou com a imagem nua de Abimael. Ele estava

sentado ao chão, todo em braços e pernas, gemendo lamúrias infinitas. Ícaro abraçou o amigo que, no tenor de um ronco visceral, o empurrou para longe. Logo, engalfinharam-se de socos e chutes, o corpo de Abimael era escorregadio e Ícaro suave em seu moletom roído. Ali ficaram por alguns minutos e esses minutos em horas foram configurados, o estardalhaço da tempestade pesada era a trilha-sonora e os ganidos, chiados e soluços de Ícaro ecoavam por toda a alcova lambuzada.

Acordou-se no outro dia, o segredo de Abimael ainda guardado. Do seu lado, um cadáver mutilado de decoração. Ícaro tinha marcas em todo o corpo, Abimael localizava lascas de pele em suas unhas e sentiu-se borbulhar por dentro, mas reprimiu o espanto, o remorso e a repulsa. Levantou-se na gaiola alagada por hemorragia e observou um movimento sutil dentro de seus lábios, era um bolo de carne amargo e encorpado. Esbugalhou a pupila e vomitou um líquido vermelho que escorria em restos de comida e, quando ouviu o ônus de um músculo caindo ao chão, deparou-se com a língua mordida e latejante. Voltou-se para Ícaro e viu o coral de lábios brilhantes, marcados por dentes opressivos, cheiro de morte e carniça. Abimael não se lembrava de nada, mas remoía uma agonia penetrante e debulhou-se em lágrimas miseráveis de consternação.

Já que perdera os sentidos e o controle de suas mãos calejadas, quis desencarnar também. Abimael, com nádegas e pênis para fora, era como um felino colossal, esfomeado e pronto para ataque. A boca seca e maculada de um carmesim fulminante, teria comido a língua de Ícaro em um beijo torturante e apaixonado. Logo, escorria pelo corredor e desenhava ramificações de gota em gota, pingava lá embaixo e o chuveiro de sangue destilava-se pela lateral dos corrimões. Abimael, de repente, teve a impressão de já ter vivido aquele momento e, no eixo do claustro, percebeu passos. Não era um sonho, tampouco era um pesadelo. Os outros sentiram o bodum e, ao se aproximarem das grades, avistaram o tapete escarlate. “Monstro!”, um deles berrou apontando para o gradeado de Abimael que, em uma maçante

e ordinária postura curvada, tremia todo o corpo despido.

Juscelino vinha correndo, fumava e apitava, convidando a vigilância para ver a cena. Os policiais subiam ofegantes e o coringa tossia uma fumaça escura antes inalada. Não disse nada a Abimael, mas viu o fundo dos seus olhos e ele parecia não estar ali. Ninguém precisou segurar, ele andou sozinho e deixou pegadas viscosas por todo o canto. O corpo de Ícaro veio depois, ensacado de um preto possante, a fragilidade de sua pequenez havia encolhido. Os pés, que eram grandes, não cabiam lá dentro. Agora, Ícaro não podia sentir a dor dos tendões, mas suas articulações continuavam inchadas. Juscelino, abismado com tanta crueldade, recolheu a língua e a mandou emendar. Não encontraram a família e esse foi o motivo de seu enterro em Alcantil, na sua manta de retalhos levou livros e o rosário de pérolas que usava em reza antes de dormir. Quando a última pá de terra derramou, o metalheiro vizinho deixou rolar uma lágrima de brandura.

Nunca mais souberam de Abimael, também não sabiam o que tinha acontecido naquela noite. Juscelino encarregou-se de isolar a alma perversa do homem de boca cavada e orgulhou-se de ter liderado uma limpeza na cela amaldiçoada. Abimael, entregue ao buraco que lhe jogaram, respirava uma poeira densa e sempre transbordava quando pensava no que havia causado. Às vezes, era entorpecido por uma loucura momentânea e acreditava estar vendo a imagem do rapaz em sua frente. Eles dançavam em câmera lenta, abraçados como um laço de seda, vestidos de um linho vibrante. Ícaro sempre aparecia alumiado, cintilando um dourado harmonioso e seu sorriso era bem-composto. Quando despertava, Abimael era assombrado pela fobia de si mesmo e sempre que fechava os olhos via a marca profunda no couro, um reflexo de quem era. Seu cabelo começou a crescer, mas o rosto emoldurado se decompôs com o tempo. Passou-se a vida, seus últimos dias e sentiu-se o crânio adormecido.

Morreu e fedeu por semanas até ser descoberto. A foto estava ao seu lado e o segredo de sua valentia jamais teria sido revelado. Ícaro foi esque-

cido e, durante uma varredura no pavilhão, o crucifixo em sua lápide foi removido. Os respingos de seu desfecho ainda marcavam as paredes da noite de fúria em Alcantil, eram tomadas de novos homens que chegavam e se amontoavam no minúsculo cercado de ferro transtornado. Nas madrugadas de sexta-feira, quando a meia-noite ia se dissipando, os presos ouviam a toada do fantasma que pairava sobre a cela poluída e não sentiam medo. Acostumaram-se com o tempo, mas a serenata da lua permanecia naquele lugar onde poucos conseguem repousar. Abimael foi metamorfoseado na história, sendo lembrado como um louco desalmado. Aqueles que eram atravessados de má sorte e jogados no mesmo buraco que ele, ainda que fadados à cegueira da descrença, tinham visões estarrecidas e eram sempre encontrados na melancolia de suas bocas amputadas.

Sinfonia de ruídos

Gian Lucas

No rádio da Fiorino, tocava Matanza... uma banda de rock nacional que eu costumava ouvir na minha adolescência rebelde. As letras eram fortes, mas hoje percebo que não são relatos de fatos reais. Aliás, “fatos reais”... soa como uma redundância, não? Se são fatos, não deveriam ser reais por definição? Esses pensamentos me perseguiam desde que comecei a faculdade de Letras, na esperança de calar as vozes que ecoavam na minha cabeça. Nunca fui um bom aluno. Era como se eu não conseguisse traduzir em palavras o que sentia, e o que eu sentia, na maior parte do tempo, era raiva. Uma raiva intensa, despropositada, ao ponto de me tirar o sono. Certamente, essa raiva e os remédios que tomei para tentar controlá-la me fizeram mal.

Queria, de algum modo, aplacar essa raiva constante, mas não suportava meus colegas, não suportava os professores e, muito menos, as apresentações que éramos obrigados a fazer. A única coisa que eu realmente gostava no curso eram os contos violentos do Rubem Fonseca. Eles me acalmavam de algum jeito estranho. Havia um em especial, sobre um burguês que saía dirigindo pela cidade e atropelava pessoas nos subúrbios. A frieza daquele personagem me fascinava. Era quase como se ele estivesse em transe, igual ao que às vezes sinto. Aquela violência crua, sem sentido, tinha algo de libertador. Não precisava de justificativa, e talvez isso fosse o que mais me atraía, tinha algo de libertador ali.

No rádio da van, tocava Mamonas... lembro que foi um choque a morte da banda naquele acidente. Acidente... Que a verdade seja dita, eu não sei qual música estava tocando. Nem sei se havia som na caminhonete que matou aqueles três ciclistas. Não quero fugir da raia, eu sei que não foi o micro-ônibus que matou aqueles seis pedestres... fui eu. Mas, toda vez que tento me lembrar, a história muda. Recordo os fatos de forma diferen-

te, como se meu cérebro se recusasse a montar a cena corretamente. Certamente a culpa é dos remédios. Mas juro que havia uma música, e que ela tocava alto! Ao menos no meu espírito, era assim. Eu me sentia impelido a agir. Era quase como se uma força exterior tomasse conta de mim, como um desses movimentos involuntários que a música provoca no corpo. Foi natural, instintivo, uma espécie de hipnose ou sonambulismo.

Curioso é que isso já me havia acontecido antes, em eventos semelhantes, porém com resultados menos catastróficos. Era como se eu me visse em terceira pessoa, acompanhando o desenrolar dos fatos ao mesmo tempo como autor e espectador. Eu sabia que dava para frear, mas, ainda assim, acelerei. Meu pé estava tão colado no acelerador que parecia que iria atravessar o carpete e sair do outro lado. Vi os motociclistas e senti o caminhão passar por cima de dois... depois de mais três. Eu sabia que dava para desviar, mas nem sequer tentei

Quando o barulho cessou, o silêncio foi tão opressor quanto o estrondo. Não havia mais música, nem Matanza, nem Mamonas, nem nada. Apenas o vazio. Lembro de esperar, parado, imóvel, vendo as sirenes ao longe. Esperei pelo socorro, não fugi. Ao menos, é o que penso agora. Cada vez que tento lembrar, os detalhes se embaralham mais. Talvez eu tenha fugido, sim. Ou talvez eu nunca tenha parado. A memória é traiçoeira, e os remédios e as noites sem dormir fizeram o resto do trabalho.

O que sei com certeza é que estive no hospital. Um lugar onde a raiva me consumia e onde eles me davam remédios demais. Tanta raiva e tantos remédios, além de noites sem dormir, já não sei mais distinguir o que é real. No fundo, eu sabia o mal que aquilo estava fazendo.

O local era um daqueles hospitais onde você não tem permissão para sair, mas onde sempre há uma maneira de fugir. Ajudava saber dirigir. Quando me dei conta, já estava dentro de um veículo, com o motor roncando forte, e, sem perceber, já estava em movimento. No rádio, tocava Matanza... uma banda de rock nacional que eu costumava ouvir na minha adolescência rebelde.

O enterro do João – Parte I

Cyntia Pinheiro

Deu-se que morreu João. Vinha pela estradinha de terra, magoando a precata velha e remendada de arame, teimando a perna na contrapedal verdonga, de selim de franjas coloridas. Naquele aclave indecoroso, largou meio pedaço do baço e se atreveu na falha da corrente que tava afrouxada na vinculação. No sufocamento do baço de meio-dia, se arruinou no barranco, de peito e tudo, engolindo bem uma resma de terra. Não foi da queda que morreu. Não. Nem era caso. Naquela esfalção de perecimento, se viu aluindo as obtenções de cor e de ar. Deu-se a primeira biloura.

Nem uma viv'alma lhe acudia na precisão. Naquela gleba ausente, só se via a interrupção do tempo, na síncope do existir faltado. Era um vazão de tudo, nem uma pobre árvore velha a lhe fazer sombra. Nem uma poça de lama para lhe alentar a sede. Nada. No céu pálido, um sol colérico se vingava de João. Era dia de não ter nuvem. “Nem nuvem! Valha-me, Deus!” Nem passarinho para lhe cantar a modulação da vida ao passamento.

Deu-se a segunda biloura. Deu-se perdurável. Uma dor no espinhaço lhe queimou inteiro. Foi fulminado de dor. Morreu, talvez. Morreu, eu acho. Só foi achado três horas mais tarde por um palmilhador qualquer que, na misericórdia dos propícios, logrou valência em outros cantos, a deslocarem o corpo recém-falido do *de cuius*.

Sem tardança alguma, a viúva encheu a casa de escabiosas. E demandou que se rompesse com aquilo para um pronto. Enfeitado de gente no caixão, chegou João. Numa exsudação abundante, o morto tinha conjuntamente umas tremuras, que foram assumidas de naturais. Para refrescar defunto, supriram o recinto de uma giroeta.

Nem bem velaram por duas horas o pobre do João e a viúva quis saber da inumação. Tinha um formigueiro na alma que não aprazava de longas. Então romperam sem nem o padre chegar.

Segue o corpo no caixão. Mortinho da Silva! O tal do João. As pegas de bronze coruscando ao sol gordo da rua quente. Meio-dia do outro dia. Seis desassombrados fulanos da vizinhança carregaram o morto. Solenes. Eram os únicos suficientemente parrudos, para arrostarem o peso de defunto misturado à quentura do inferno poeirento da rua.

Meninos alheios soltavam raia, favoráveis na esquina. Por um transitório deixaram o divertimento oscilando no vento, enquanto bisbilhotavam o cortejo fúnebre.

As velhas desdentadas entoavam o “a nós descei divina luz”, quase em forma de canto chão. A viúva deu por si que enviuvara e, num choro convulsivo, foi aguentada por um filho adulto. O catarrentinho menor decorreu no colo da mais moça. Um gaiato, esfolando um paletó branco de sedução, usufruiu de enlaçar a jovem órfã sob seus braços peludos e empoeirados.

Num ambívio, um carro de som anunciava: “galinhas gordas, galinhas sadias, dez reais, promoção do dia.”

Uma velha rechonchuda e de voz robusta começou um canto diferente, quase arrulhou ao tirar da goela o “avé-avé-avé-maria...” e foi seguida por um sanfoneiro embatucado e careca que chegava esbaforido ao cortejo. Mais adiante o padre anuiu no entramento naquela batelada e foi benzendo o povo com rezas de muita fé.

Já no cemitério o padre sacolejou umas águas bentas no caixão. Naquela gemência de agrura a viúva requisitou uma derradeira espiadela no marido, tão bonito, tão predisposto e agora tão miseravelmente morto. Já aberto o ataúde, o padre encomenda-lhe a alma, e depois joga as águas no morto e também no povo que o assiste. O morto tremia e suave, mas era

tão aprimorada a demanda, que olho nenhum se advertiu.

A moça mais moça despejou o catarrentinho do chão e se jogou sobre o pai esmarrado gritando: “levanta, pai!”

O povo se comoveu exorbitante e o choro era entoado cada vez mais soberbo. A cantoria cessa e uma melodia de soluços impera no cemitério. Só a rechonchuda da vozona não chorou, mas parecia que estava com um engasgo mortal dentro dela.

O catarrentinho abrangeu a perna da mãe e, no berro do improrrogável, pediu para mijar. A bulha era tão venerável que nenhuma viv’alma, nem mort’alma era capaz de escutar a requisição do menino.

O caixão foi abotoado. Agora, na fidúcia do inevitável, a viúva grita e desmaia. Foi especada pelo filho mais velho e ventilada por uns gentis confrades. No socorrimento da mulher, ninguém deu parte do menino esbravejante: “quero mijar, quero mijar!”

O caixão desceu à cova pelos braços dos desconhecidos mais altruístas. A filha, na agonia dos iniciados na morte, jogou um punhado de terra. Depois, aloucada, enfiou a cara no monte de terra que ficou no chão. Desgrenhada e com a boca espumando, gritava cada vez mais alto: “Levanta, pai!” Mas o defunto fez ouvidos moucos.

A primeira pá de terra foi aventurada. Escalou um poeirão avermelhado. A velha adiposa da voz cavernosa espirrou. A escanzelada, que usava dentadura com muita gengiva, lacrimejou.

A segunda pá de terra foi disparada sob protestos da filha histérica. A mãe continuava desconsiderada. O afligimento entabulava mais uma vez gerenciar o lugar. A gente toda tinha pena da filha despovoada de alegria. Havia auras de clemência. E algum silêncio cortado por ganidos. O manco em linho branco, principiado na seducência, tentava enfiar os dedos nos cabelos da moça chorosa para alisar sua derrota.

Então, antes que se empenhasse a terceira pá de terra, um ímpeto

aquoso abandonou o corpo do menino. O catarrentinho desavergonhado situou o pinto pra fora do calção de brim e mijou no caixão do pai.

O lugar, de um arroubo, emudeceu.

O petiz, no executável de sua inocência, sacudiu a cabeça olhando nos olhos murchos da irmã chorosa e se atreveu ridente e muito arrazoadado: eu avisei!

O enterro do João – Parte II

Cyntia Pinheiro

Serenado o quadro sepulcral, a viúva acocorada no chão tentou um protagonismo de virtude. Apreendeu o mijão pela mão enlameada de urina e terra e ordenou que trancasse o calção. O endiabrado merecia uns cocorotes por ter acanalhado o enterro do pai. A mãe, entretanto, simulando uma decência, tirou uma precata do pé e colidiu duas vezes com o assoalho nas costas do desventurado, objetivando aprazimento do aglomerado.

E assim foi que o menino verteu um choro carpido, bem aquiescido pela agregação. Consumados os encargos, o povo pulverizou, cada um num rumo. A família do João, ainda se benzeu no esborrifamento do padre: mãe, menino mijão, filho mais velho e moça chorosa. O moço do terno branco, que já estava amarronzado pela pulverulência, não arredava de perto da moça lamurienta, fingindo uma franqueza de consolo, mas com intenções de estreiteza.

Desempenhado o oficial da defunção, o filho mais velho, que ainda não obtivera o possuimento da calamidade, pegou o irmão pequeno nos braços e rompeu na frente para não ser visto carpir pelo pai. A mãe procedia por detrás. E, no mais alongado, o gaiato do terno branco incluía a moça bonita em seus amparos pilantrescos.

Já na casa do morto, o banho requisitou os vivos. Sem café pra visita nenhuma, a mãe promoveu de correr com o chupa-sangue que já conche-gava sua menina.

Banhados na ordem de sujidade, deu-se o ensejo de o cansaço ribubar no total. Ninguém nem mais chorava, excetuado o infante que bufava de uma fome canina. Requentada a comida de ontem que misturaram por

riba de meia dúzia de ovos, o mexido foi balizado em conformidade com o arrazoado do apetite.

Mal se completaram daquela glotonaria, ainda no entojado da soberba, foram procurar desocupação no leito, para remediar a extenuação. É no perigo da cheiúra que está o adormecimento.

Ninguém não mais morreria naquela noite. Mas o filho, na diligência dos invisíveis pela apatia, havia se regrado da examinação do morto. E na conjuntura do desligamento do pai, era agora que desendividaria do repouso, por conta dos raciocínios dos quais se esquivara o dia inteiro: “morto sua?”, “morto treme?”

Seu pai suava. Seu pai tremia no ataúde. E sentiu uma emboleira na boca do estômago. Naquela atormentação, só mapeava que o pai ainda residia no corpo. E agora? Redundava na ocasião de socorrer o morto-vivo, mas não via aptidão naquela empreita.

Primeira noite, o sono não lhe conseguiu. Segunda noite, não foi obtido também. Permaneceu dias naquela amofinação, que se o pai não tivesse morrido, morreu de especular a valência.

Falido na contingência de ressuscitar o morto, granjeou êxito no esticamento do próprio corpo para, enfim, pernoitar.

Naquela encantação morféctica, seu espírito arrojou de fazer visitações. Voejou sobre a igreja da cidade, evoluiu pela praça ensombrada e abarrotada de maus elementos, até que chegou ao cemitério. Sem governo da própria deliberação, pousou perto do moimento do pai, que agora estava irrevogavelmente morto. Intuiu de se avizinhar e no abeiramento avis-tou o homem acorado ao lado do túmulo. Anuiu ser o pai:

— Pai, o que o senhor tá fazendo aí esquivado do caixão?

O extinto homem — extinto na terra — respondeu:

— Tô esperando chegar minha hora. Ocês me enterraram antes...

Universidade Vazia

Brenda Noire

O sol queimava sem reservas a minha pele enquanto atravessava a avenida. O sombreamento das árvores oscilava sob o vento seco, esticando-se longamente sobre o asfalto em chamas, como dedos encantados que hesitam antes de tocar. Ali estava a comunidade universitária, em pleno movimento, envolta em sua imponência habitual. Passei tantos anos a sonhar com este dia! Lá estava eu, finalmente, passando pelos portões de ferro que guardavam, como um templo, o caminho para meu futuro. Já podia sentir o cheiro dos livros, das canetas, das conversas ao pé da escada! Da porta, o murmúrio das mentes enfervilhadas e a agitação sutil dos corpos me faziam feliz.

Eu não tenho um nome que possa ser transformado em um apelido simples e belo. É algo do tipo que escapa entre os dentes com um estigma já imputado. Vesana, prazer. Figura estranha, à margem entre existir e desaparecer. Quem sabe seja esse o exato momento de mudar de sorte.

Assim que passei pelos portões, tudo ficou em silêncio. Bateu-me as tripas em nó e passei a olhar para meus pés. O vento cessou e o sol baforou sua afronta. As árvores, antes cheias de folhas sinuosas, pararam, como uma fotografia sem cor. Estranho, mas contínuo.

O caminho até o hall parecia maior agora, o portão atrás de mim ficava cada vez mais distante, como se a universidade crescesse à medida que me aproximava. No limiar da porta, senti uma hesitação. Um pequeno fio de angústia colidiu com minha testa, mas logo se desfez quando cruzei a soleira.

O som de meus passos reverberou alto no corredor de azulejos brancos. Olhei ao redor. Não há ninguém?!

Os risos, as conversas, a brisa humana que vi estavam fora do sumido. As salas, os auditórios, os pátios... não havia ninguém. Não é possível! Mas estavam aqui! Segui adiante, decidida a entender o que acontecia. Será que não era o dia certo? Teria me enganado? Uma data marcada no calendário equivocadamente? Foi uma miragem, loucura da minha cabeça? O silêncio não dava respostas, mas também não era tão completo: um ruído, baixo, pulsava ao fundo. Algo entre o rangido de uma porta que não estava completamente fechada e o som distante de um relógio que batia para ninguém. Fui de encontro a ele.

Andei por esses corredores. As portas entreabertas das salas de aula deixavam à mostra carteiras enfileiradas, vazias, como uma audiência fantasma aguardando uma aula que nunca começaria. Passei por espelhos, que me refletiam de forma distorcida, como se minha própria imagem estivesse desfazendo-se na moldura do tempo e do espaço. Senti-me mais leve por um momento, como se a cada passo, algo de mim estivesse ficando para trás.

Subi uma escada cinza, tomada pelas marcas da utilização. No topo, havia uma sala diferente. As luzes piscavam, mas, ainda assim, havia algo de familiar ali. Entrei. Não sabia exatamente o que esperava, mas havia uma expectativa densa no ar. A sala estava cheia.

Cheia de vultos irreconhecíveis, sombras que ocupavam as cadeiras, sussurrando entre si. Não consegui distinguir seus rostos, mas sabia que estavam ali, fixos em mim. Um arrepio subiu-me a espinha, que queria se partir, liquidar-se e evaporar. As silhuetas conversavam entre si, numa língua quase cantada, complexa de entender, ou talvez não se destinasse a ser entendida. De repente, o ruído de fundo — aquele zumbido que me acompanhou desde que pisei nesta universidade — cresceu. Eu quis gritar, minha voz não saiu. Senti o ar ao redor sólido, uma parede invisível que apertava meu peito. Queria sair, meus pés estavam presos no chão, fincados por uma força fora de meu alcance.

Engolindo a seco, vi as sombras se levantarem em minha direção. Seus corpos disformes flutuavam em meio ao piso. Observei rapidamente ao redor, à procura de uma saída, mas neste ponto as portas já haviam desaparecido. Traguei o medo, sentindo na pele o atrito de uma presença identificável. A um passo de ser tocada pelas escuridões, veio-me o inesperado. Uma voz.

“Boa tarde, turma! No encontro de hoje, falaremos sobre a intersecção entre o filme *Um Estranho no Ninho* e o romance homônimo, de Ken Kesey.”

Olhei devagar. Eu estava na porta de uma sala cheia de gente, a minha própria sala. O professor olhou-me e sorriu convidativo. Sentei-me na primeira carteira, ao lado da porta, respirei fundo e gargalhei internamente. Toda aquela atmosfera foi desfeita pelo calor do sol que queimava pelas sombras que tentavam me agarrar.

O oco

Brenda Noire

*“Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio,
do que sonha a nossa vã filosofia.”*

William Shakespeare

Eu sempre soube que ele viria. O rapaz de fora, filho da terra calcada na pupila, com seus longos cabelos serpentinos, seus livros e sua presunção de quem acha que entende o mundo. Eles sempre aparecem por aqui, achando que sabem mais do que, de fato, sabem. Todavia, esse eu aguardava como quem sabia que assistiria sua passagem. Saul... sim, esse era seu nome. Nome dos mais bonitos, nome de gente inteligente, importante, de gente que poderia conquistar a paz de seus dias. Um jovem esperto, muito esperto. Mas o complicado é que ser esperto não é o mesmo que ser sábio... O aviso já estava entranhado em mim há muito, muito tempo. Eu tentei avisá-lo, eu tentei! Como fiz com tantos outros... mas ele não me deu trela. Oh... esperto, porém perdido...

Lembro bem da primeira vez que o vi. Ele chegou à vila com seus olhões castanhos, cheios de perguntas, tão cheios que não sobrava espaço para sequer ouvir, maturar as respostas. Andarilhou pelas pedras e na mataiada, vindo direto a mim, como todos acabam fazendo, porque sou velha e carrego em meu olho os segredos desta terra — um tanto agreste — que me deu à luz. Perguntou, cheio de gíngua, sobre o Oco. Sempre o Oco. Queria saber o que havia lá dentro, como se eu pudesse contar em palavras, silabar tal evento. Eu disse que ele era presunçoso...

“Não vá,” eu disse. “O que você busca lá, meu filho, não é conhecimento. O que há lá é o nada, e o nada fala de um jeito... que você não está preparado para ouvir.”

Mas ele sorriu, sorriu aquele sorriso de quem acha que não há além do que vê ou pensa. Quis me constranger o safado. Fechei o olho, ouvi o vento e esperei. Ele disse que o medo é construído pelo desconhecimento da mente, que o vazio é apenas uma metáfora para descrever as ausências humanas. Ah, esses filósofos sempre achando que podem nomear o inominável, medir o imensurável. Metáfora mesmo é o que fica depois que se parte, e se dissolve na oquidão da vida. Há ausência se algo fica? Esses filósofos...

Já soube naquele instante que não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo. Então não teve jeito, eu o deixei andarilhar. Ajoelhei no meu quartinho, de frente para essa parede velha e infiltrada por tantas décadas de gente e de chuva. Escrevi “SAUL” nesse redemoinho de nomes e lhe desejei boa viagem.

Quando, enfim, chegou três passos de percurso na montanha, o tempo já parecia mudado, estranho, pesado, como se o ar estivesse esperando pela fissura do tempo. Ele subiu pela trilha, como todos os anteriores a ele, com uma lanterna cara na mão e as vértebras eretas. Não aguentei, essa cena eu tive de ir ver. Talvez, ele achasse que estava partindo para mais uma aventura, que sairia de lá com respostas profundas, algo que pudesse impressionar seus colegas, professores e supostos fãs. Quem sabe, alguma paquerinha. Mas o Oco não é somente uma caverna comum, com paredes ilustradas que poderiam aludir à caverna de Platão, como dizia o tal do livro que esses meninos insistem em trazer, sempre.

Buraco profundo, o Oco, à primeira vista, nada parece do que com um formigueiro gigante, pouco receptivo aos raios do sol ou a ira dos ventos. Parece que nada desce por ali. Passando para dentro, ultrapassando a escuridão incalculável, se houver como iluminar, as paredes rochosas e acinzentadas indicam que houve um artista por lá. Sabe-se mundo quando chegou, por quanto tempo ficou e como escapuliu-se dali. Se ele se embrenhou pelos úmidos túneis imersos dessa montanha, se dobrou o tempo, o

espaço ou a matéria, se derreteu e evaporou. Os segredos que o lugar esconde não são daqueles passíveis de partilha, não em sua totalidade.

Eu o vi desaparecer no pico, na entrada da caverna. E então, aguardei.

A noite caiu como arauto traçado, e com ela veio o silêncio. Não aquele comum, mas um silêncio bruto, como se o próprio mundo estivesse rompendo a respiração. A noite do homem que não suporta a si mesmo. Sentei-me em minha cadeira, pertinho da lareira incinerada, e o fogo parecia querer ir até lá, como se a luz estivesse sendo puxada, seduzida por algo que eu não podia ver. Eu já sabia o que se passava, o que sempre acontece lá dentro.

O Oco não tem fundo, pelo menos não no sentido que conhecemos. Lá dentro, o mundo se esmigalha, se desfaz camada por camada, até que você não saiba mais onde termina a rocha e começa o vazio. As paredes não captam nem emitem som algum, coisa alguma ecoa. Tudo ali é absorvido, devorado. E quando o silêncio é absoluto, ele começa a sussurrar. Não são palavras, não de vero, mas outra coisa, hermética, algo que é sentido, não explicado.

Saul... ele foi longe demais. Entrou naquela escuridão com seus axiomas dados como certos. Seus conceitos, suas ideias e uma mente cheia de certezas. Filósofo cheio de certezas! Como pode? Mas ali dentro, tudo se esfarela. E é isso que o Oco faz com você: ele tira tudo, uma coisa de cada vez. Primeiro, seu senso de tempo, depois, seu senso de si mesmo. E quando tudo o que resta é o vazio... o nada toma seu lugar.

Os dias passaram. Sabíamos que ele não retornaria o mesmo. Alguns homens do vilarejo foram buscá-lo a pedido da família, mas não trouxeram Saul de volta. Trouxeram algo que trajava sua pele, que tinha seus órgãos, mas os olhos... Ah, aqueles olhos estavam vazios. Eles o encontraram sentado na boca da caverna, murmurando contrassensos em volume mínimo. Não falava mais seu nome, e mesmo que falasse, eu é que não acredito que ele ainda saberia quem era.

Saul tornou-se parte daquele Oco como todos os outros antes dele. Consumiu-se, devagar, mastigando em carne viva a própria mente, até não sobrar mais nada. Ouvi dizer que foi internado no porão da casa dos pais, que ele já não fala, mas, às vezes, quando o vento uiva forte pelas montanhas, você pode ouvir seu murmúrio ecoar de volta. Não é o tipo de voz reconhecida como humana, mas, se você prestar atenção, se puser a escutar bem fundo, entenderá o que ele quer dizer.

“Não há nada... além do nada.”

Vi isso tantas vezes que nem sinto mais medo. Todavia, alguns jovens como ele... ah, sempre acham que podem enfrentar o vazio armados de suas presunções e saírem intactos. Desse jeito, o vazio sempre ganha. Ele sempre vai ganhar.

E eu, velha como sou, só fico aqui esperando o próximo, porque sempre tem um próximo. E os benditos nunca me perguntam por que digo para não irem. Talvez, se ganhasse a oportunidade, eu contasse de minha estadia por lá. Por ser a única que foi, ficou e retornou falando alguma coisa que preste, quem sabe daqui possa sair algo que valha a pena.

Eles nunca aprendem.

AUTORES

Alice Pimenta

Nascida em Montes Claros, em 2002, é graduanda do curso de Direito na Unimontes. Aventurou-se primeiro na escrita de canções, depois encontrou-se na poesia e desaguou na prosa. Sua trajetória na escrita criativa está intrinsecamente ligada ao seu grande amor pela música. Publicou poemas em festivais de poesia e está presente no livro *Coletânea de Poetas Brasileiros 2023, Volume II*, da Editora Persona. Declama suas obras para quem quiser ouvir.

Andrea Martins

Professora, pesquisadora, escritora, roteirista e cineasta, é mestre em Literatura Brasileira e doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro da Academia Montes-Clarence de Letras, é autora dos livros *Pétalas* (crônicas, 1993) e *Apenas rascunhos* (contos, 2013). Como roteirista, assina os roteiros originais *Reunião de Família* (teleteatro, premiado pela Rede Minas em 1999), *Todos os dias são iguais* (curta metragem premiado pela Associação Curta Minas, em 2000), *Encontro* (curta metragem baseado em conto de Luiz Fernando Veríssimo, produzido e dirigido pela autora em 2018). Além destes, colaborou com o roteiro de longa metragem *Beatriz*, dirigido por Alberto Graça (2015); e adaptou para curta metragem os contos “Uns Braços” e “Conto de escola”, de Machado de Assis (inéditos). Também produziu e dirigiu o documentário *Romeiros de fé e festa* (2008), estando atualmente trabalhando na produção do filme documentário *Beethoven do sertão*.

Brenda Noire

Nascida em Montes Claros-MG, é mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde atua como pesquisadora da literatura de Hilda Hilst e integra grupos de pesquisa voltados à Filosofia e Literatura, bem como Literatura Experimental. Poeta, escriba e performer, é idealizadora da *Surtismo - Revista (In)dependente de Artes e Criatividade*. Seus textos exploram atmosferas densas, conflitos subjetivos e os limites da linguagem diante da experiência existencial.

Cyntia Pinheiro

É membro da Academia Feminina de Letras de Montes Claros e da Academia Montes-Clarence de Letras. Escritora, libretista de ópera, dramaturga, artesã, professora de música no Conservatório Lorenzo Fernández. Natural de Montes Claros-MG, onde nasceu, tendo, no entanto, vivido sua infância em Taiobeiras-MG. É graduada em Educação Artística e pós-graduada em Arte-Educação pela Unimontes. Mestre em Estudos Literários pela mesma instituição. Escritora homenageada do 35º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético/ 2021; Autora premiada no concurso Oneyda Alvarenga – CEFET/ Varginha/ 2024; Menção honrosa do concurso Lila Ripoll de poesia da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul/ 2025; Prêmio Excelência e Qualidade Brasil 2025 – Alta Literatura Brasileira – pela Associação Brasileira de Liderança/ SP, recebendo o título de Comendadora.

Emerson Dantas e Pimenta

Nascido em 1990, em Montes Claros-MG, é escritor, professor e advogado. Autor da saga *Herói*, que já conta com dois volumes, *Herói* e *Anverso*, dos romances *O mausoléu de Borboletas* e *Ad Aeternum*. Também é poeta e contista e possui participação em mais de 15 antologias de circulação nacional.

Gian Lucas

Graduado em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). É, atualmente, mestrando em Literatura na mesma Instituição. Apaixonado por histórias em suas múltiplas manifestações artísticas, da literatura e cinema aos quadrinhos, entendendo a narrativa como um espaço privilegiado de investigação estética e humana. Sua trajetória com a leitura e a escrita criativa é marcada pela busca em compreender como as histórias revelam, tencionam e reinventam as experiências individuais e coletivas, funcionando como possibilidades de descoberta das camadas mais profundas da alma humana.

Gustavo Beckhauser

É um historiador, poeta e ilustrador, cujo trabalho transita entre a pesquisa acadêmica e a criação artística. Como pesquisador, integra o Núcleo de Pesquisa Odisseia (PPGH - Unimontes), onde dedica-se aos estudos anticoloniais, investigando a relação entre os romances de Mouloud Feraoun e a etnosociologia de Bourdieu e Sayad durante a Guerra da Argélia. Para além da pesquisa, atua como coordenador do projeto «Montes Claros Literária: Novos Talentos, Nossa Escrita», uma iniciativa de incentivo à escrita criativa, financiada pela Lei Paulo Gustavo e vinculada ao PPGL - Unimontes. Enquanto artista, atuou de maneira ampla: como cronista, colaborou com jornais independentes; como ilustrador, explorou a linguagem visual do retrato e da ilustração de livros independentes; e, como poeta, utiliza a palavra sensível para defender a poesia como instrumento capaz de, por meio de metáforas, elaborar a identidade do sujeito, seu olhar sobre o mundo, e afirmar o livre pensar e o livre sentir como atos fundamentais da existência.

Heverson Gabriel

Latino-brasileiro, aspirante à cidadão, fatalmente escritor, condicionado ao eterno devir, testemunha ocular do fim dos tempos. Uma psique envoltada por um conglomerado de matéria orgânica. Anti-Rousseau, pró-rodriguiano.

Isaac Veloso

Nascido em Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Aos oito anos de idade, lia o mesmo livro repetidas vezes. Nesse gesto insistente, começou a se formar um olhar atento às narrativas, ao tempo e às transformações que a repetição produz. Aos 13 anos, já escrevia seus primeiros contos e poesias. Desde então, o interesse pelos modos de narrar acompanha sua trajetória. Atualmente, é historiador, mestre em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Jéssica Hayeska

Nascida em Montes Claros-MG, é formada em Letras-Português e atua como professora, encontrando na educação e na linguagem um espaço de transformação e escuta. À parte disso, também é cantora. Sensível, curiosa e profundamente ligada à arte, transita com naturalidade entre a escrita e a música. A literatura é um de seus principais territórios, tanto como objeto de estudo quanto como forma de expressão pessoal. Em 2024, publicou o e-book *Quimera*, obra que evidencia seu interesse por temas como identidade, sentimentos, contradições humanas e imaginação, dialogando com o poético e o existencial.

Kaio Moreira Veloso

Nasceu em Montes Claros-MG, em 1999. Ainda durante a infância, encontrou nos livros uma preciosa companhia, e neles descobriu uma maneira de construir sentidos e ultrapassar os limites do território, do tempo e da identidade. É editor e colunista da revista literária *O Odisseu*, além de pesquisador de literaturas em língua inglesa, especialmente da obra de Virginia Woolf. Traduziu contos do livro *A festa no jardim e outras histórias*, de Katherine Mansfield (Editora Cabriolé, 2024). É doutorando em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (UFSC), mestre em Letras: Estudos da Linguagem (UFOP) e graduado em Jornalismo (UFOP).

Lucas Aldeje

Natural de Montes Claros-MG, e com raízes fincadas em Brasília de Minas. Sua trajetória acadêmica em Pedagogia, somada às experiências de vida — e outras nem tão vividas —, foram decisivas para sua identidade artística. Foi nesse espaço de troca humana que encontrou coragem para compartilhar suas criações. Há um ano, explora a musicalidade das palavras através de poemas e canções. A participação nesta obra, inclusive, permitiu-o expandir horizontes e experimentar novos formatos, como os Haikais. Atualmente, desafia sua criatividade na construção de seu primeiro livro de fantasia, uma obra que busca reflexões, crítica social e o encanto literário. Escreve movido pela certeza de que a literatura é a maior ferramenta de autoaperfeiçoamento que possuímos. Acredita que, a cada página lida ou escrita, nos tornamos mais do que fomos ontem. Afinal, não há vida sem leitura e não há leitura sem literatura.

Lucas Monteiro

Nascido em Montes Claros-MG, é artista-pesquisador e se dedica a estudos voltados às relações entre palavra e imagem, tomando a paisagem como campo de reflexão e experimentação. É doutorando e mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFGM) e licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Luiz Felipe Lopes

Graduando em Direito pela Unimontes, amante da poesia, teve seu interesse na escrita criativa iniciado com a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis e, posteriormente, evoluiu para a produção de seus próprios poemas, ao descobrir na poesia uma forma de expressar sentimentos e pensamentos por meio do texto artístico.

Maria Alice

É professora de Português graduada pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e atualmente é mestranda em Estudos Literários pela mesma instituição. Seu tempo livre é dedicado à leitura, escrita, ilustração e outras felicidades.

Mell Oliva

Nasceu, cresceu e permaneceu em Montes Claros-MG. É pós-graduada em Arte Educação e assina seus poemas e produções artísticas com o pseudônimo umadoce_poeta. É graduada em Pedagogia pela Unimontes e sonhadora do projeto literário *Jornal Gaveta*. Por meio dele, desengaveta palavras e acolhe outros escritores, para que também possam ecoar seus textos. Aventura-se pelas colagens, conta histórias, faz teatro e mantém os olhos abertos para enxergar as poesias do mundo.

Milena Placido Silva

Nascida e criada no norte de Minas Gerais, é uma escritora e pesquisadora apaixonada pelas complexidades da alma humana, pela estética gótica e pelas narrativas que desafiam o tempo e as convenções. Formada em Letras-Português e mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), usa sua bagagem acadêmica para tecer histórias que são, ao mesmo tempo, profundamente emotivas e ricas em detalhes. Em suas obras, Milena explora as fronteiras entre os gêneros, dialogando com suas grandes inspirações literárias para criar universos únicos. Seja no romance gótico sáfico e de fantasia sombria de *Quando o Amor e a Morte se Abraçam*, na jornada de amor próprio e superação de *Pelo Menos a Lua É a Mesma Para Nós Dois*, ou nos medos ancestrais de *Contos Sombrios de Terror e Morte*, sua escrita busca dar voz a personagens complexas que lutam por seu lugar no mundo.

Sarah S. O. Brandão

Nascida em Montes Claros, em 2006, é estudante de Pedagogia, atualmente no 4º período. Escreve poemas e histórias desde os 10 anos e encontrou no projeto “Montes Claros Literária” a oportunidade de aprender mais sobre escrita e compartilhá-la com pessoas que também estão nesse ramo. Possui planos para publicações futuras.

Thadia

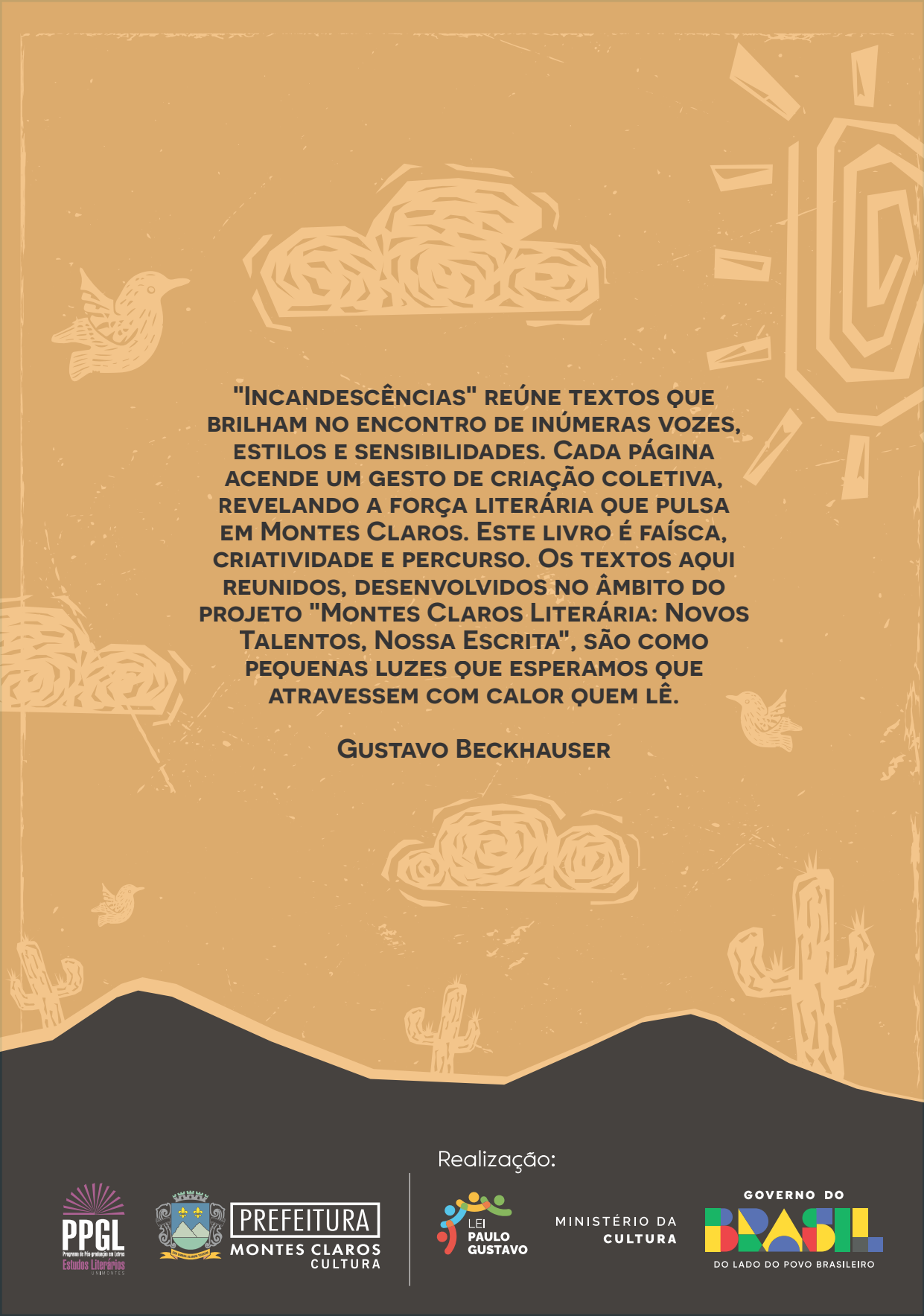
Nascida em Montes Claros em 24 de agosto de 2005, é graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde aprofunda seu interesse pela linguagem, pela literatura e pelos amplos sentidos da palavra. Desde cedo, encontrou na leitura um refúgio: os livros a ajudaram a compreender o mundo e a si mesma. Na escrita criativa, o jogo de sonoridades alimenta sua criação poética, trazendo aos poemas um sentido mais íntimo. Gosta especialmente de escrever textos melancólicos e de atmosferas sombrias, flertando com o terror. Mais do que compor histórias, busca descrever as entranhas dos sentimentos, explorando nuances do sentir humano.

Tida Carvalho

Brasileira das Minas Gerais, mora em Belo Horizonte. É professora de literatura brasileira e portuguesa, poeta e ensaísta. Doutora em Estudos Literários – Literatura Comparada, pela UFMG, sob orientação de Jacyntho Lins Brandão, sobre Luciano de Samósata e a tradição dos diálogos de mortos na literatura ocidental. Pós-doc em Estudos Literários sobre a obra *Galáxias*, de Haroldo de Campos e pós-doc em literaturas contemporâneas latino-americanas, sobre a obra de Roberto Bolão, ambos pela UFMG. Autora de *O catatau de Paulo Leminski: (des)coordenadas cartesianas* (Maça de Vidro – Lume Editorial, 2015) e de *Dois quartos*, com Hugo Lima (Crivo Editorial, 2017). Tem artigos e ensaios publicados em revistas acadêmicas e literárias. Atualmente, leciona na Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Vanessa Mar

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). É graduada em Letras-Português pela mesma instituição. Bolsista da CAPES, desenvolve pesquisa voltada às questões raciais e sociais presentes na obra de Conceição Evaristo. Atualmente, integra os projetos “Literatura infanto-juvenil e culturas africanas de países de expressão portuguesa: memórias e identidades” e “(Re)significando rotas da escravidão e suas representações: diálogos literários como forma de recuperação histórica e construção de identidades”. No âmbito artístico-cultural, é codiretora da *Revista Surtismo* e aspirante a escritora.



**"INCANDESCÊNCIAS" REÚNE TEXTOS QUE
BRILHAM NO ENCONTRO DE INÚMERAS VOZES,
ESTILOS E SENSIBILIDADES. CADA PÁGINA
ACENDE UM GESTO DE CRIAÇÃO COLETIVA,
REVELANDO A FORÇA LITERÁRIA QUE PULSA
EM MONTES CLAROS. ESTE LIVRO É FAÍSCA,
CRIATIVIDADE E PERCURSO. OS TEXTOS AQUI
REUNIDOS, DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DO
PROJETO "MONTES CLAROS LITERÁRIA: NOVOS
TALENTOS, NOSSA ESCRITA", SÃO COMO
PEQUENAS LUZES QUE ESPERAMOS QUE
ATRAVESSEM COM CALOR QUEM LÊ.**

GUSTAVO BECKHAUSER

Realização:



PREFEITURA
MONTES CLAROS
CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

